



Universidade de Coimbra

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Departamento de Arquitectura

O *Loft* (n)O Património Industrial (d)A Cidade

a reconversão em habitação no centro urbano

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Luísa Pimentel Martins

Orientador: Professor Doutor Arquitecto José Fernando Castro Gonçalves

Co-orientador: Arquitecto Nelson Jorge Amorim Mota

14 de Agosto de 2009

O *Loft* (n) O Património Industrial (d) A Cidade

a reconversão em habitação no centro urbano

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| RESUMO ABSTRACT..... | 3 |
| INTRODUÇÃO..... | 5 |
| Capítulo 1. PONTO DE SITUAÇÃO..... | 8 |
| Capítulo 2. (n)O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL (d)A CIDADE..... | 27 |
| 2.1. <u>O Património Industrial</u> | 27 |
| 2.1.1. Definição, estado actual e futuro..... | 27 |
| 2.1.2. Edifícios industriais desactivados e obsoletos. Potencialidades do património industrial..... | 32 |
| 2.2. <u>A Cidade</u> | 38 |
| 2.2.1. Inércia da cidade actual..... | 38 |
| 2.2.2. Requalificação urbana [através da recuperação do património industrial].... | 43 |

| | |
|---|----|
| Capítulo 3. O <i>LOFT</i> | 47 |
| 3.1. <u>Contextualização</u> | 47 |
| 3.1.1. Origens, definição, características e actualidade..... | 47 |
| 3.1.2. Reconversão de edifícios industriais <i>versus</i> novo modo de habitar..... | 52 |
| 3.2. <u>Público-alvo do <i>loft</i></u> | 56 |
| 3.3. <u>Fronteira entre público e privado</u> | 62 |
| 3.4. <u>Estratégia: hipótese de reconversão e habitação</u> | 66 |
| 3.5. <u>Um <i>loft</i> e duas metáforas</u> | 73 |
| CONCLUSÃO..... | 80 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 83 |
| FONTES DAS IMAGENS..... | 91 |
| AGRADECIMENTOS..... | 94 |

RESUMO

Dentro da vasta área da reabilitação de edifícios, este trabalho tem como objectivo o estudo dos *lofts*, na tentativa de compreender a sua existência, os motivos que conduzem à manutenção pontual de edifícios industriais e o seu enquadramento na requalificação e revivificação urbanas.

A questão que se coloca é a de tentar perceber o “fenómeno” *loft*, qual a sua identidade, a sua funcionalidade, a sua adaptabilidade aos dias de hoje, e o seu papel na cidade. Estuda-se o *loft* enquanto reconversão de antigos edifícios industriais, agora obsoletos, logo, regenerador de áreas urbanas importantes; enquanto modo de pensar o espaço doméstico e de habitar; e, conseqüentemente, como estratégia de nova habitação no centro urbano.

ABSTRACT

Within the vast area of the rehabilitation of buildings, this work has as purpose the study of *lofts*, in the attempt to understand its existence, the motives that lead to the punctual maintenance of industrial buildings and its fitting in the urban requalification and revivification.

The question that here takes place is that of try to understand the *loft* “phenomenon”, which its identity, its functionality, its adaptability to the present, and its role in the city. The *loft* is studied as reconversion of former industrial buildings, now obsolete, therefore, regenerator of important urban areas; as long as way of think the domestic space and to inhabit; and, consequently, as strategy of new habitation in the urban center.

INTRODUÇÃO

A cidade que hoje se conhece, habitat da arquitectura mais antiga e tradicional e também da mais recente e inovadora, tem a necessidade de encontrar pontos comuns onde estas duas “idades arquitectónicas” se cruzam. A reabilitação do edificado e a consequente requalificação urbana mostram-se hoje como o caminho para esta fusão de arquitecturas e é essa a motivação deste trabalho: perceber qual o cruzamento que se pode fazer entre o património arquitectónico e as possíveis novas tipologias que surgem no panorama da arquitectura, bem como a respectiva revivificação da cidade que se sente tão necessária actualmente, através do retorno da habitação ao centro urbano.

Da centralidade urbana da indústria à criação de zonas industriais periféricas. Da alta importância dos edifícios industriais ao seu obsolescência actual. Do passado produtivo ao futuro incerto. O que é o património industrial? Faz sentido mantê-lo no presente, e no futuro, reabilitando-o? Importa perceber a noção de património industrial e quais as melhores estratégias para o recuperar/reconverter e de o fazer permanecer no futuro – aqui com ênfase na reconversão em habitação, pois é essa a temática que se pretende explorar.

A inércia actual da cidade e a sua indispensável requalificação urbana. Qual o papel do património na cidade? A centralidade dos edifícios industriais

devolutos. Qual o papel da habitação na cidade? A possibilidade de revivificação da cidade através do *loft*. Em relação à cidade, o objectivo é entender em que ponto está, o que fazer para a (re)animar e qual o papel que a reconversão destes edifícios industriais em *loft* pode vir a desempenhar na sua requalificação urbana.

O *loft*: o que é; como, quando, onde e por que apareceu; quais os seus objectivos. Quais as finalidades que o *loft* pode ter actualmente? Quem o habita? Uma nova tipologia doméstica que veio ajudar a resolver algumas questões – sociais, arquitectónicas e urbanas? Sobre o *loft*, estudar a sua origem, as suas características, perceber se se adequa aos dias de hoje e à cidade contemporânea, bem como abordar a questão de ser um modo de vida muito peculiar, ajustável a, apenas, determinados grupos de pessoas, para além do foco principal de ser uma hipótese de reconversão de edifícios industriais e ainda uma nova possibilidade de habitação nos centros urbanos.

Com base no presente e colocando uma hipótese, elaboram-se análises a diversos níveis ao longo desta reflexão.

No primeiro capítulo, «Ponto de Situação», faz-se uma abordagem a estas diferentes entidades: o património industrial, a cidade e o *loft*; interessa perceber a realidade actual das três vertentes deste triângulo arquitectónico, até como ponto de partida para as análises que se elaboram posteriormente.

No segundo capítulo, «(n)O Património Industrial (d)A Cidade», apresenta-se a constatação da actualidade a estes dois níveis – o patrimonial e o urbano, relacionando-os, de modo a perceber até que ponto um influencia e tem a capacidade de alterar o outro. Estuda-se o património industrial como está hoje e como poderá vir a estar no futuro, se algumas medidas de preservação forem tomadas, mais, ou menos, interventivas. Com a cidade, a abordagem é a mesma: a sua actualidade (demasiado) estável, inerte, e a sua possível requalificação urbana através das recuperações de algumas das estruturas industriais presentes no centro urbano.

Por fim, o capítulo «O *Loft*» pretende centrar-se em dois pontos: ser uma análise do *loft*, definindo-o e caracterizando-o, enquanto uma nova tipologia doméstica, para uma parte da sociedade actual com um determinado modo de vida, devido às suas características formais, e abordar toda a ideologia que

INTRODUÇÃO

está por detrás do conceito de *loft*, associada à reciclagem de edifícios industriais a que está intrinsecamente ligado. Igualmente, importa apreender o *loft* como uma hipótese de requalificação urbana, como reutilização do património industrial devoluto e como estratégia de habitação no centro urbano, revivificando a cidade. Para ilustrar estas várias dimensões do *loft*, apresentam-se três exemplos – o primeiro, um edifício de *lofts* em Portugal, e os dois seguintes, de edifícios onde é possível encontrar paralelismos com o *loft*, numa arquitectura mais contemporânea.

Assim, tenta-se perceber se, e/ou até que ponto, o património industrial, a cidade e o *loft* poderão ser encarados como causas e consequências, em simultâneo, de um mesmo fio condutor neste ciclo de vida urbano que se pretende cada vez mais activo e perene.



Figuras 1 e 2^a. A **Cordoaria Nacional** é património industrial, sendo um dos imóveis classificados pelo IPPAR. Onde antes se fabricavam cordas, cabos, tecelagem de velas e bandeiras, hoje visitam-se feiras e exposições e assiste-se a congressos, dando a este edifício uma nova função, adaptada aos dias de hoje, mantendo viva a sua memória.

^a Em todo o trabalho, a numeração das figuras deve ser lida da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Capítulo 1: PONTO DE SITUAÇÃO

O património industrial, a cidade e o *loft*: três entidades distintas que se unem numa mesma disciplina – a Arquitectura. Estão interligadas na medida em que o primeiro pode dar origem ao último, sendo que a cidade está sempre presente, como origem e como destino. Interessa perceber em que ponto se está relativamente a estas três temáticas, para se poder delinear um futuro, consoante o que ainda se mostrar por fazer e o que se pretender daqui para a frente.

O que é o património industrial? Em que consiste? Como se caracteriza? Em que condições se encontra actualmente? Que futuro se lhe prevê? Do obsoletismo generalizado, ao abandono total, surgem já alguns debates sobre o que fazer com esta parte da arquitectura e das cidades, tendo a consciência que a reabilitação, a reutilização e a reconversão são caminhos apropriados e viáveis.

Sobre o património em geral, há muita e diversa informação, sendo o industrial apenas brevemente referido. A abordagem do património industrial surge sobretudo em artigos, em revistas de arquitectura, em sites da internet e em publicações esporádicas – livros que reúnem vários textos sobre o tema; também no IPPAR há referência a este tipo de património, havendo já imóveis classificados [Figs 1 e 2]. A APPI (Associação Portuguesa para o Património

Industrial), fundada em 1997, é a representante do TICCIH (The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage) em Portugal e um dos seus objectivos é promover a defesa e salvaguarda do património industrial, participando em diversas acções de sensibilização para o assunto.

A historiadora Françoise Choay fala de todo o património, não do industrial em particular, mas muito do que refere pode ter aplicação neste, seja a definição de património, sejam as suas características, bem como as questões da salvaguarda, da conservação e da reabilitação. «Neste primeiro sentido, chamar-se-á monumento a qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento prende-se, então, precisamente, com o seu modo de acção sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afectividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente. Mas, esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e seleccionado para fins vitais, na medida em que pode, directamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, ética ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (...) É garantia das origens e acalma a inquietude que gera a incerteza dos princípios. (...) A sua relação com o tempo vivido e com a memória, noutras palavras, a sua *função antropológica*, constitui a essência do monumento»¹.

Jean-Yves Andrieux, professor de História da Arte, no seu livro inteiramente dedicado ao património industrial, afirma que apesar de este ser um património ainda um pouco marginalizado, tem vindo a conseguir ter um lugar na história contemporânea da reabilitação e tece diversos comentários sobre as suas várias vertentes, começando logo por dizer que «(...) admitindo que a arqueologia industrial associa a descoberta, o recenseamento e a descrição de um património que inscreve no terreno as marcas e a memória de uma sociedade (...) para suscitar as indispensáveis protecções (...) a arqueologia industrial pode adquirir a dimensão de uma prática cultural

¹ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 17/18

global»², defendendo logo à partida a arqueologia industrial como um meio geral para a salvaguarda do património industrial, participante intemporal na memória da sociedade, e que permite a «indispensável reabilitação de uma imagem que é simultaneamente a reivindicação de uma estética»³, a do Movimento Moderno, tantas vezes ignorada e considerada menor, quando em comparação com movimentos mais antigos, talvez por ainda se considerar o factor tempo como decisivo para a preservação e manutenção de edifícios, algo que vai sendo modificado, provavelmente porque o legado moderno que chega até nós precise cada vez mais de intervenção actual.

Para além de valer por si próprio, «paralelamente, o património industrial é um domínio verdadeiramente privilegiado para a constituição de equipas pluridisciplinares de pesquisa»⁴, numa altura em que se procura cada vez mais a união das várias ciências, é possível reuni-las aqui, desde a Arquitectura à Antropologia, passando pela História, pela Economia e pela Sociologia.

A reconversão destes espaços implica uma investigação em seu torno e uma abordagem a vários níveis, do particular – os edifícios em si -, para o geral – a cidade e a sociedade -, e vice-versa, de modo a tornarem-se «uma recolha de dados utilizáveis no futuro»⁵ nas várias partes integrantes e a serem «testemunhos de cultura»⁶. Assim, dada a actualidade deste património, desactivado e, muitas vezes, em estado de degradação, importa «(...) associar património industrial e a inovação mais contemporânea»⁷, de modo a poder dar-lhe um novo futuro, diferente daquele para que caminha – a inexistência -, através das possibilidades contemporâneas da reabilitação.

Gille Alvès refere-se ao património industrial como «um território promissor»⁸, na medida em que este pode vir a ter um papel importante na sociedade, seja arquitectónica, cultural, ou economicamente, se passar a ser tratado como uma mais valia do património e como um grande interveniente na

² ANDRIEUX, Jean-Yves - *Le patrimoine industriel*. (1992), p. 4/5; tradução da autora

³ Ibidem, p. 9; tradução da autora

⁴ Ibidem, p. 16; tradução da autora

⁵ Ibidem, p. 31; tradução da autora

⁶ Ibidem, p. 42; tradução da autora

⁷ Ibidem, p. 82; tradução da autora

⁸ ALVÉS, Gille, “O património industrial – um território promissor”, in *Património – Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*. (1999), p. 25

cidade, já que até aqui tem vindo a ser ignorado. Os edifícios industriais são aqueles que mais testemunharam a vida das populações, com o seu trabalho, o seu esforço e a sua identidade. Mantê-los vivos, reavivá-los e reinseri-los no quotidiano da cidade permite manter essa memória, tanto individual, como colectiva, e, cada vez mais, numa época em que se procuram raízes, «(...) põe-se a necessidade de valorizar a identidade colectiva, enriquecendo-a pela constituição dum património comum»⁹.

Segundo o autor, «o problema da conservação do património industrial ainda não recebeu solução global em parte nenhuma. Nenhum país ainda adoptou política geral de protecção deste património de tal modo que muitos edifícios são salvaguardados unicamente graças a iniciativas pontuais, provenientes seja de proprietários ou associações privados, seja de instituições autárquicas ou estatais»¹⁰, sendo, talvez por isso, hora de pensar neste património e que soluções de futuro para ele, não como excepção, mas como regra geral, incluindo-o nos programas de salvaguarda do património no seu todo. Importa tomar-se consciência da necessidade de resolver os problemas de conservação destes edifícios, seja restaurando-os, ou reconvertendo-os, para novas funções. Neste contexto, convém que se reúnam várias áreas do conhecimento, da Arquitectura à Arqueologia, passando pela Antropologia e pela Sociologia, de modo a abordar todas as vertentes, permitindo uma consolidação coerente, efectiva e a longo prazo deste património industrial.

«O património é portanto um território em construção»¹¹, por isso, através da sensibilização das entidades responsáveis e também do público em geral, e tendo em conta que este património representa a memória colectiva de uma população, de uma cidade e de um país, impõe-se actuar sobre ele, conservando-o.

Pelo contrário, Flávio Lopes, arquitecto, acha que o pensamento contemporâneo sobre o património tem vindo a evoluir ao longo de todo o século XX e que «nos últimos anos temos assistido, em Portugal, a um crescente interesse pela identificação, preservação e divulgação do nosso

⁹ Ibidem

¹⁰ Ibidem, p. 26

¹¹ Ibidem, p. 27

património»¹² – esta diferença de opiniões pode dever-se também à distância de cinco anos que separa as duas publicações referidas. O rápido crescimento urbano, as modificações na paisagem rural e o ritmo acelerado do dia-a-dia faz com que se deseje parar, olhar para o passado e pensar no futuro, reagindo; então, a consciencialização actual do estado do nosso património leva também a que se pense nas atitudes práticas a tomar para resolver esta deterioração progressiva dos nossos edifícios, na procura de equilíbrio entre construído e espaço envolvente.

Assim, dá-se o debate, formam-se pensamentos e criam-se guias de estratégias (cartas, recomendações e convenções) aplicáveis internacional e nacionalmente, «(...) apesar das recentes concepções dinâmicas do património, que integram novas categorias de bens a preservar (centros históricos, património industrial, jardins históricos, paisagens culturais, etc.) exigirem novas abordagens, tentando encontrar a justa medida nas intervenções»¹³.

A *Carta de Veneza* (1964), ainda considerada actual, é a primeira a expandir o conceito de monumento a toda «a criação arquitectónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se, não só às grandes criações mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural»¹⁴, alargando a protecção ao tecido urbano, ou rural que circundar o monumento, podendo retirar-se daqui que também o património industrial deve ser considerado “monumento”, na medida em que representa uma época da história da civilização e faz parte da memória colectiva da população e da imagem da cidade. É de notar, «(...) o extraordinário alargamento da noção de património à universalidade das estruturas

¹² LOPES, Flávio, “Evolução do pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais”, in LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. (2004), p. 23

¹³ Ibidem, p. 27

¹⁴ In “Carta de Veneza” citado por LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. (2004), p. 27

construídas e à qualidade de vida das populações»¹⁵, já que do edifício-monumento se estendeu o património às edificações modestas, ao sítio, à cidade e à memória da civilização.

Como diz o arquitecto Carlos Guimarães, a produção industrial deu origem a «novos hábitos, novos ícones, novos espaços, novas arquitecturas»¹⁶ que se foram intensificando e consolidando, tornando-se parte do imaginário da população e da imagem da cidade; hoje, olhando para essa indústria devem fazer-se «novas leituras de um passado que é ainda muito conformador do presente»¹⁷, retirando dele o que ainda se puder aproveitar para a contemporaneidade, os próprios edifícios e, com eles, toda a carga histórica e emocional da sociedade industrial que é, no fundo, a que chega até à actualidade. É a este passado que tem que se ir buscar, no presente, o futuro destes edifícios e, para isso, há que procurar respostas e soluções adequadas, através do «conhecimento e reflexão sobre este imenso património, porventura menos conhecido, da nossa modernidade»¹⁸, adaptando-o ao que se pretender, da museificação à revitalização, com actividades que dêem nova vida a estes espaços. Importa salvaguardar este património, não só pelos edifícios em si (que representam uma parte da História da Arquitectura), mas também pelo papel urbano que têm, através da sua localização nas cidades e o que daí se desenvolve, tratando-se de «reconhecer o seu contributo na configuração espacial de cidades e territórios, como se chegaram a constituir em memória colectiva»¹⁹, logo, preservar o seu valor.

Estas “ruínas” industriais, provenientes do desmantelamento da produção industrial nalguns destes edifícios, podem ser encaradas como um problema, na medida em que é preciso dar-lhes um futuro, o que nem sempre é fácil, quando há várias opções e ainda mais opiniões sobre o que fazer. Tal origina «efeitos negativos, não só económicos e sociais, como também relativos ao

¹⁵ LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património arquitectónico e arqueológico – Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. (2004), p. 36

¹⁶ GUIMARÃES, Carlos, “Arquitectura e indústria modernas (1925-1965)”, in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 5

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ *Ibidem*

¹⁹ *Ibidem*, p. 37

seu contexto físico, nas nossas cidades e territórios industriais, dando lugar, em tão pouco tempo, a edifícios esgotados nas suas funções, por vezes arruinados ou muito deteriorados, e também a amplas superfícies de terrenos que perderam a sua razão de ser, abandonados e, quando possível, à espera de novos destinos»²⁰, destinos esses que podem aparecer “dentro” dos edifícios originais, mantendo assim viva a relação com o passado, da arquitectura, da população e da cidade, «dado que estas ruínas constituem em muitos casos elementos de identidade dos territórios onde se estabelecem e das pessoas que os habitam»²¹. Ruínas estas que podem passar de ser um problema, para poderem ser uma solução para questões arquitectónicas, sociais e urbanas que se levantam constantemente, como o que fazer destes edifícios e como os (re)integrar na cidade, bem como a requalificação das áreas onde se localizam.

O património industrial pode definir-se como um conjunto de edifícios com determinadas características (as respeitantes à produção industrial, à imagem de fábrica e armazém) que, para além de toda a carga histórica que acarreta, simboliza também uma vivência específica da população, apelando a memórias emocionais, tornando-se num «universo de elementos físicos de difícil esquecimento»²², por serem «importantes testemunhos culturais»²³, como afirma a arquitecta Deolinda Folgado, e criando um imaginário de paisagem onde esses edifícios industriais têm um relevante papel, pois foi neles que grande parte da sociedade se formou, logo, «culturalmente construída, a noção de paisagem contempla hoje o incontornável mundo industrial. Esta realidade resulta simultaneamente da noção mais alargada de património, a qual também integra a fábrica e o sítio industrial»²⁴.

Os arquitectos Jorge Figueira e Ana Vaz Milheiro falam do «fim da fábrica, o início da ruína»²⁵, em que os nossos edifícios industriais «retomam-se agora

²⁰ Ibidem, p. 57/58

²¹ Ibidem, p. 58

²² FOLGADO, Deolinda, “O lugar da indústria no território”, in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 80

²³ Ibidem

²⁴ Ibidem

²⁵ FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz, “Fim da fábrica, o início da ruína”, in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 91

como memórias do fim de um tempo»²⁶, sendo que «este é o panorama do património industrial português herdado e o seu significado define-se numa espécie de nostalgia, de desejo não realizado»²⁷; então, porque não realizar esse desejo (de parte interveniente na história, já que a sociedade industrial em Portugal não teve o impacto que teve noutros países como a Inglaterra, país-origem da Revolução Industrial) agora, revitalizando este património, dando-lhe novos usos, adaptados aos dias de hoje e que a sociedade actual possa usufruir, de modo a mostrar o seu sentido e a sua razão de ser no nosso país, ainda hoje. «As fábricas representam, ainda, a memória de interferências profundas e recentes na paisagem. (...) Muitas resistem abandonadas, ou são residualmente usadas, mas permanecem expectantes. No imaginário contemporâneo, a escala e o carácter eloquente das ruínas industriais modernas supera a urgência da sua preservação. A exigência contemporânea para que, apesar das adversidades, o gesto de preservação se cumpra, prende-se com a recuperação do valor da história e da memória na construção de um quadro patrimonial que mantenha vivas as referências fundamentais de noventa e os»²⁸ – assim, torna-se premente agir sobre este património, encontrar-lhe um futuro dentro do passado que já não se cumpre, de modo a manter vivas todas estas referências que fazem parte do nosso país e da nossa sociedade.

É importante que não se deixe desvanecer a, ainda presente, vontade de fazer renascer estes edifícios, seja pela sua museificação e pela “congelamento” do passado que lá se viveu, seja também para poder transpôr para a actualidade estes edifícios, mas com funções de hoje, que façam sentido nas nossas cidades, levando-os até às gerações do futuro, numa transmissão de valores, de memórias, de história, de arquitectura.

No livro *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*²⁹, pode ler-se que «a arquitectura industrial em Portugal não tem, até hoje, merecido a devida atenção (...) esta produção legou-nos um património cujo valor para a história da arquitectura urge inventariar e divulgar (...) quando muitos destes edifícios

²⁶ Ibidem

²⁷ Ibidem

²⁸ Ibidem, pág. 92

²⁹ FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX*. (2003).



Figuras 3 e 4. Património Mundial da UNESCO, a (ex) fábrica **Van Nelle**, em Roterdão, assume hoje o papel de centro de congressos e conferências, em substituição da produção de chá, café e tabaco.

Na Figura 3, ainda enquanto fábrica, distinguem-se os vários corpos edificados que faziam parte do processo: armazém, produção e administração.

Na Figura 4, a imagem actual, mais “limpa” e adaptada (interiormente) ao novo programa que agora ali se cumpre.

fabris se encontram em estado de abandono e, noutros casos, à beira de serem demolidos por obsolescência face às rápidas alterações tecnológicas»³⁰. É de comum acordo, entre várias opiniões, como a do arquitecto José Manuel Fernandes, que é um património com valor e que deve ser salvaguardado; não seria, então, caso para antes de os deixar morrer, reabilitá-los, para múltiplos fins, estudados caso a caso? Ainda que sem generalizar, mantendo apenas os que revelem «intrínseca qualidade arquitectónica»³¹ e sejam representativos de uma época da História, como a industrialização, e em particular, da História da Arquitectura, como o Movimento Moderno; esta noção de valor cultural já nos «(...) anos de 1980-90 (...), em tempo patrimonialista, permitiu encetar a reutilização de inúmeras obras antigas, desactivadas, com objectivos diferentes e novas funções culturais, equipamentais ou museológicas»³².

Contudo, e apesar da opinião geral ser favorável, a reabilitação de edifícios industriais é algo ainda muito embrionário e que importa fazer crescer, aproveitando essa mesma onda positiva de incentivos; como diz este arquitecto, «tactante ainda, o tema da regeneração e da reutilização dos espaços anteriormente industriais é ainda como que um “mundo novo” a descobrir, explorar e investir, neste dealbar do século XXI»³³.

A décima Conferência Internacional Docomomo³⁴ realizou-se em Setembro de 2008 em Roterdão, Holanda, na (antiga) fábrica Van Nelle [Figs. 3 e 4], sob o tema *The Challenge of Change – Dealing with the Legacy of the Modern Movement*. Também aqui se vê a actualidade do tema da mudança do que já existe e o desafio que lhe está subjacente; o próprio congresso realizou-se numa antiga fábrica, dando-lhe, desde logo, um novo uso; nas várias apresentações foram abordados diversos tipos de edifícios, localizados em várias cidades. O âmago da conferência era, precisamente, tentar-se perceber como se pode lidar com a herança que o Movimento Moderno nos deixou, e o que fazer com os seus edifícios, tendo a noção de que a mudança, mais, ou

³⁰ Ibidem, p. 5

³¹ Ibidem, p. 7

³² Ibidem, p. 9/10

³³ Ibidem, p. 197

³⁴ International committee for DOcumentation and COnservation of buildings, sites and neighbourhoods of the MOdern MOvement

menos, interventiva, é possível e que pode ser através dela que se dê a preservação dos edifícios modernos, adaptando-os – social, económica, cultural, física e programaticamente - à realidade actual.

Assim, interessa estudar e actuar sobre o património industrial como parte integrante da cidade, ainda que actualmente se mostre desprovido das suas funções iniciais; então, pode ser esta a altura para o devolver à cidade, através de programas que se adequem à contemporaneidade, requalificando as áreas onde se localizam.

As cidades estão, hoje em dia, num ponto de viragem: ou se deixam morrer, ou se requalificam. Dos centros históricos, consolidados, às zonas mais recentes, importa que a cidade viva e que essa vida venha do movimento dos seus habitantes, e a arquitectura pode favorecer esse renascer. Até que ponto a reconversão de edifícios industriais em novas utilizações (habitação e/ou local de trabalho) influencia a requalificação urbana?

No livro *Urbanidade e Património*³⁵ estão reunidos vários textos sobre a relação do património com a memória da cidade. Como já foi referido, o património faz parte da memória, seja individual, colectiva, ou urbana; os edifícios da nossa cidade fazem parte da imagem que temos dela, são já característicos, importando, por isso, mantê-los, para perdurar a identidade urbana, que individualiza cada cidade.

Como diz Leonor Coutinho, antiga Secretária de Estado da Habitação e Comunicações, importa «manter, conservar, reabilitar o património (...) da nossa memória colectiva»³⁶, uma vez que «todo o património construído, dos monumentos aos prédios de habitação, fala dos povos e daqueles que o habitam. É um testemunho do nosso modo de vida, um legado que temos orgulho em preservar, integrando-o cada vez mais e melhor no nosso dia-a-dia, no tecido urbano onde vivemos (...), através de uma intervenção que integre as componentes da vida urbana»³⁷. As políticas do Estado são também de extrema importância para a preservação do nosso património, cuja aprovação deve ter carácter oficial, com o objectivo da salvaguarda do que é português e

³⁵ COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998).

³⁶ COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 4

³⁷ *Ibidem*



Figura 5. A permanente e intemporal imagem de **Coimbra**, com a Universidade a desenhar o “skyline”, é já uma imagem de marca da cidade, identificando-a internacionalmente.



Figura 6. **Florença**. A Ponte Vecchio a atravessar o rio, ou as “erupções” em altura do Palazzo Vecchio e do Duomo sobre a malha urbana são indissociáveis desta cidade e reconhecíveis em qualquer parte do mundo.

que faz parte das cidades de Portugal. Em termos de habitação, «os programas RECRIA, REHABITA e RECRIPH»³⁸ são exemplos de iniciativas que se devem tomar, cada vez mais e com maior perseverança, de modo que as consequências se façam realmente sentir, até porque «há ainda um longo caminho a percorrer»³⁹ até chegar à salvaguarda eficaz, coerente e permanente⁴⁰ do nosso património.

O objectivo da publicação *Urbanidade e Património*⁴¹ foi, segundo Rogério Gomes, presidente da Urbe⁴², «recolocar no âmbito mais vasto da requalificação urbana as questões que se levantam na sociedade portuguesa relativamente à salvaguarda e à conservação do património em Portugal, assim como à qualificação das respectivas envolventes»⁴³, ou seja, intimamente ligada à salvaguarda do património edificado está a consequente requalificação urbana, pois ao reabilitar os edifícios está-se, automaticamente, a permitir uma melhor cidade, revivificando-a. Cada cidade tem os seus edifícios, que a caracterizam e identificam e, numa época de globalidade, «já não nos podemos dar ao luxo de deixar destruir o nosso património urbano sem aceitarmos que com tal atitude estamos a destruir um elemento estratégico da competitividade dos nossos núcleos urbanos»⁴⁴, pois, como referido anteriormente, «as cidades tornam-se conhecidas pelo que as diferencia»⁴⁵.

Reforçando, importa, então, manter o património que se encontrar passível de reabilitação, de maneira a preservar a nossa identidade urbana, já que «a memória de cada comunidade urbana assenta no seu Património e a qualidade urbana que se oferece assenta em muito na capacidade que cada Cidade demonstra de requalificar os seus espaços. Património é Raiz.

³⁸ Ibidem; programas de reabilitação de imóveis de habitação

³⁹ Ibidem

⁴⁰ permanente no sentido de se prolongar no tempo, não de se preservar todo o património, já que importa conservar o que realmente for importante e ainda estiver em estado que permita a sua reabilitação

⁴¹ COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998).

⁴² Urbe - Núcleos Urbanos de Pesquisa e Intervenção

⁴³ COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 5

⁴⁴ Ibidem

⁴⁵ Ibidem

Referência daquilo que foram outros que habitaram o nosso espaço. Memória.»⁴⁶.

O sociólogo Vitor Matias Ferreira, ao referir-se à «redescoberta do património»⁴⁷ na requalificação da cidade, aponta o caso de Bolonha, como uma das cidades europeias que sofreu uma intervenção no seu “coração”, com o projecto urbanístico para o seu centro histórico. Esta intervenção italiana, como outras, partiu de duas ideias fundamentais: «recuperação física do edificado, sediado em zonas integrantes da cidade existente e manutenção das populações residentes nas zonas entretanto recuperadas»⁴⁸, o que permitiu a manutenção de pessoas na zona, a continuação do movimento urbano, revivificando essas zonas históricas; a aposta, aqui, foi na habitação, programa fundamental numa cidade e o que proporciona maiores movimentos, não deixando morrer as zonas mais antigas, hoje em dia quase museificadas, como se de um postal ilustrado se tratassem, e não é isso que se pretende quando se trata de requalificação urbana, antes pelo contrário, o objectivo é dar de novo qualidade à cidade, fornecendo-lhe vida.

O arquitecto José Manuel Fernandes é quem, no âmbito deste trabalho, vai ao cerne da questão: intervir nos edifícios, refuncionalizando-os, consoante os maiores interesses das zonas urbanas em questão. «A ideia de “reciclagem”, repescada desde o domínio da ecologia, onde foi lançada, para as áreas da arquitectura, é um dos conceitos operativos mais pertinentes hoje em dia. Implica uma ideia de recuperação verdadeiramente global, misturando, ou melhor, integrando todos os vectores em presença num determinado ambiente construído – sociais, ambientais, históricos, culturais, tecnológicos, paisagísticos – de forma a ser atingido em pleno o objectivo proposto de ressuscitar, dinamizar, revivescer um determinado espaço. A dimensão urbana das operações de intervenção é sem dúvida o campo mais adequado à actuação segundo esta atitude e pode constituir-se em melhor e mais ampla exemplificação dos caminhos a seguir actualmente. Sem descurar a intervenção pontual em objectos isolados ou nos espaços interiores, é a visão

⁴⁶ Ibidem

⁴⁷ FERREIRA, Vítor Matias, “Património urbano – A memória da cidade”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 54

⁴⁸ Ibidem, p. 57

de conjunto que deve estar sempre presente, como pano de fundo, em todas as operações com esta dimensão»⁴⁹.

E, dando como exemplo a Expo'98, ressalta a «reconstrução e limpeza de sistemas urbanos industriais e infra-estruturas obsoletos (...); reciclagem dos materiais, espaços e edifícios existentes na área; reutilização do espaço total com fins urbanos coerentes e diversidade de funções programadas; procura de um sistema de articulação da nova área com a restante cidade envolvente»⁵⁰ que esta grande operação urbanística permitiu na cidade de Lisboa. Neste trabalho não se pretende, contudo, abordar este tipo de fatias novas de cidade, mas antes vê-las como referência, adaptadas a uma muito mais pequena escala; o que importa reter é a requalificação urbana integrada, não olhando apenas para o edifício, mas para toda a sua envolvente, e pensar em programas (aqui, a habitação a partir de estruturas industriais já existentes) que permitam o renascimento das zonas urbanas em questão.

As cidades valem, então, pela sua identidade, bem como pela capacidade que têm em conservar os seus edifícios, os que se considere que são de preservar, e ainda pela conservação do seu centro, mas de modo vivo, através da movimentação de pessoas. E é precisamente o termo reciclagem que define o que se pretende aqui abordar em relação ao património industrial ao transformá-lo em habitação/local de trabalho – o *loft* -, reciclando igualmente a imagem da cidade, hoje, nessas antigas zonas industriais, desinteressantes, pretendendo-se revivificá-la.

Actualmente, o que se pretende dizer quando se fala de *loft*? Desde o conceito original, de reconversão de edifícios industriais, para habitação e local de trabalho, passando por um modo de vida (*loft-living*), até a *lofts* construídos de raiz, num moderno tipo de habitação, várias noções de *loft* podem surgir.

A informação e bibliografia sobre *lofts* centra-se essencialmente na área de arquitectura de interiores e de decoração, focando, no entanto, sempre a sua origem (a de ocupação de edifícios industriais desactivados). Paralelamente, encontram-se já algumas reflexões sobre o *loft* enquanto

⁴⁹ FERNANDES, José Manuel, “Panorâmica da conservação, protecção, reabilitação e requalificação em Portugal. Exemplos e temas.”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 72

⁵⁰ *Ibidem*

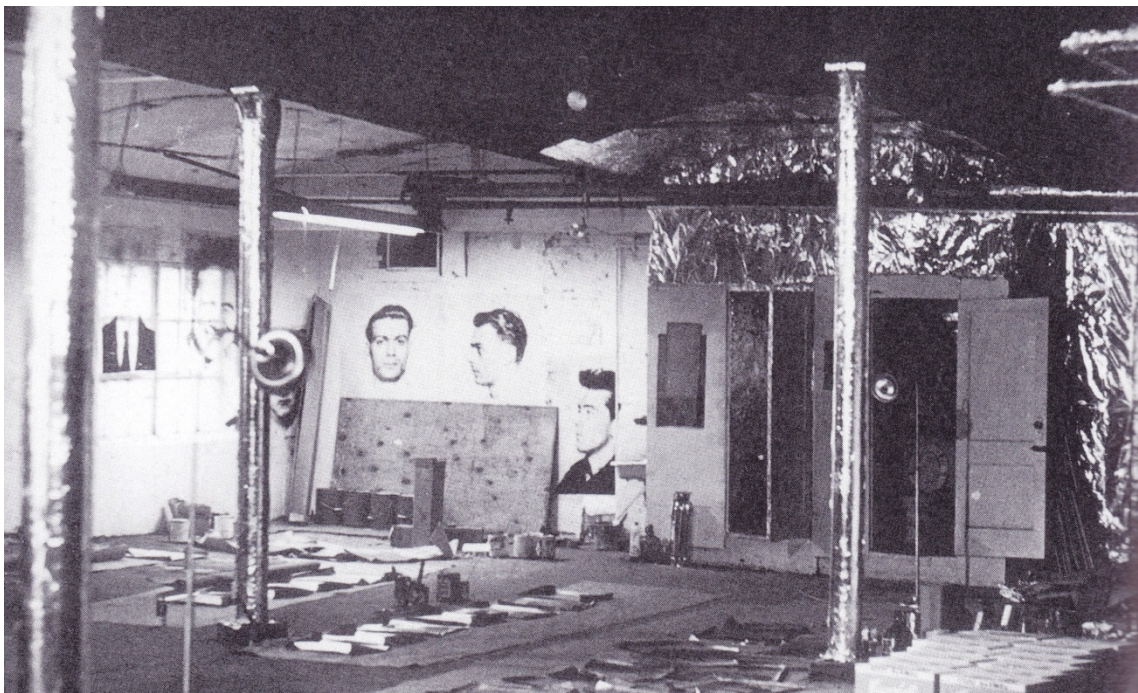


Figura 7. **The Factory**. O atelier de Andy Warhol, em Nova Iorque, nos anos 50 do século XX, seu posterior *loft*, pois nele passou, também, a morar. A total informalidade do espaço e a típica construção industrial são aqui perfeitamente verificáveis.

reutilização de edifícios industriais e as valências que isso lhe atribui, de meio de reabilitação de edifícios, interveniente na requalificação urbana e novo modo de habitar.

O arquitecto Iñaki Ábalos faz uma retrospectiva em torno das casas do século XX – o *loft* nova-iorquino é uma delas -, os seus arquétipos, os vários modos de vida decorrentes de cada casa e a herança que nos foi deixada, ajudando os arquitectos a reverem todas essas tipologias, dando ênfase à temática que maior reflexão tem exigido à arquitectura: a habitação. O *loft* surge, desde a sua origem, com duas vertentes: a de reconversão de um espaço industrial em habitação e/ou local de trabalho e a de um modo de vida, boémio e descontraído, e foi «a geração americana (...) que associou este estilo de vida a uma técnica de habitar: a apropriação de um espaço industrial neutro, o *loft*»⁵¹.

O *loft* mais emblemático é *The Factory* [Fig. 7] do artista plástico Andy Warhol que, na década de 50 do século XX, se apropriou de um amplo espaço de armazém para criar as suas obras, onde acabou por viver e socializar (as festas eram uma constante), num exemplo «do prestígio da solidão como forma voluntária e alternativa de vida»⁵², apesar da permanente presença de pessoas, mas sem a coabitação da família, esta entendida enquanto instituição de vários elementos a habitar o mesmo espaço, num conceito de «uma iniciação que consiste no esquecimento não só da correcção e da família que ideologicamente a suporta, mas também de toda a convicção ideológica alternativa, no desejo de estender livremente a criatividade ao domínio da intimidade»⁵³; ou seja, uma casa onde se vive sozinho e onde se trabalha, mas que, em virtude disso mesmo, está permanentemente cheia de gente, em constante actividade.

O *loft* também foi possível devido ao estilo de vida cosmopolita de Nova Iorque, adaptando assim uma tipologia peculiar de habitação a uma identidade cultural específica, numa casa que se tornou «um dos modos mais singulares de morar que o século XX inventou»⁵⁴ e «uma forma de pensar, construir e

⁵¹ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 116

⁵² *Ibidem*, p. 117

⁵³ *Ibidem*

⁵⁴ *Ibidem*, p. 124

habitar um arquétipo da casa contemporânea»⁵⁵. Segundo Ábalos, «o *loft* será, basicamente, uma casa-oficina, com uma grande superfície e um grande espaço interno, quase sempre alugada por preços muito baixos, instalada num galpão industrial ou num armazém (...), na qual se fundem os âmbitos privado e do trabalho. Um *loft* é, originalmente, uma porção de solo, para aluguer ou à venda, dentro de uma estrutura de pisos, o modelo tipológico industrial característico do século XIX»⁵⁶, «e se apropria de edifícios e porções da cidade, modificando radicalmente sua identidade»⁵⁷, sendo que «a palavra que gravita em torno desta ideia do habitar é “apropriação”»⁵⁸.

Com esta novidade e novo modo de habitar surgiu uma maior curiosidade sobre o *loft* e a vontade de habitá-lo; assim, passou de uma habitação “ocasional”, no sentido de oportunidade de encontrar um espaço que se adequasse ao pretendido, a uma habitação desejada pelas elites, sendo que «o *loft* é, agora, o espaço dos elegantes, um modelo único a ser exportado para todas as grandes cidades, uma forma de vida que completa o conjunto de arquétipos da casa idealizados pelo século XX»⁵⁹, aumentando os seus custos, tornando-se, aos poucos, uma habitação para os privilegiados, subvertendo a noção original da apropriação de um espaço desabitado, a baixo preço.

O *loft* nega a casa tradicional, o seu carácter funcional, numa possível crítica à família, e reduz ao máximo a necessidade de privacidade, uma vez que é um espaço amplo, sem divisórias, logo, expondo a intimidade de quem lá vive, onde «não haverá hierarquias, nem distribuição, nem especialização espacial»⁶⁰. Este arquitecto diz que «temos, à nossa disposição, as cinzas do século XX»⁶¹, vamos então (re)aproveitá-las e dar-lhes um destino para que se possa usufruí-las da melhor maneira, sendo a habitação o programa, por excelência, da arquitectura.

⁵⁵ Ibidem

⁵⁶ Ibidem

⁵⁷ Ibidem, p. 125

⁵⁸ Ibidem

⁵⁹ Ibidem, p. 130

⁶⁰ Ibidem, p. 134

⁶¹ Ibidem, p. 199

A propósito do tema da habitação realizou-se em Matosinhos, em 2004, o seminário “Civilização do Habitar” e, posteriormente, foram reunidas num livro as comunicações apresentadas, onde, o *loft*, também ele uma habitação, foi uma das tipologias abordadas. Paolo Deganello, arquitecto, fala da casa – de vários tipos de casa - enquanto utensílio que deve ser personalizado, consoante quem lá habita, e que precisa de várias áreas para se compôr, da arquitectura, ao design, passando pela decoração de interiores. «Na casa de luxo, adquiriu-se o *loft*, o espaço indiferenciado climatizado, a *home-office*, e a decoração, que entra cada vez mais como instrumento de personalização do espaço indiferenciado»⁶², mostrando que apesar de o *loft* ser uma casa já construída, é possível personalizá-la através da decoração, adequando-o a cada gosto pessoal. Deganello aborda igualmente a questão do público-alvo do *loft*, dirigido, segundo ele, a solteiros e casais sem filhos, «um pedido da classe média/alta, de pessoas sozinhas»⁶³.

Provavelmente uma das características do *loft* que agrada a esta sociedade média/alta é a sua flexibilidade espacial que permite «maior liberdade e ausência de vínculos, rica em solidão»⁶⁴ em que «tudo deve ser desprovido de rigidez, tudo deve tornar-se provisório e flexível a partir do emprego, tudo deve tornar-se tão inter-cambiável que se eliminará qualquer forma de rigidez comportamental»⁶⁵; no fundo, são pessoas que vivem sozinhas e gostam disso, podem trabalhar em casa e têm maior liberdade, física e emocionalmente. Sobre a reconversão de edifícios industriais em habitação, Deganello “explica-a” como a «reutilização da cubagem desusada da cidade fábrica em cubagem habitável»⁶⁶.

Já o arquitecto Pierluigi Nicolini refere-se à flexibilidade no geral, no «homem flexível»⁶⁷, na flexibilidade espacial e na flexibilidade de funções, na relação casa-escritório, em que, actualmente, devido às novas tecnologias, é

⁶² DEGANELLO, Paolo, “Do *Existenz Minimum*, à casa radical, dos *New Clusters* às favelas, aos *homeless*, à cidade transcultural...A casa como um vestido”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 37

⁶³ *Ibidem*, p. 40

⁶⁴ *Ibidem*

⁶⁵ *Ibidem*

⁶⁶ *Ibidem*, p. 42

⁶⁷ NICOLINI, Pierluigi, “Urban Housing”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 50

possível trabalhar em casa, tornando a casa em escritório, e vice-versa, afirmando que a «habitabilidade hoje é mais livre, desordenada, criativa»⁶⁸. Sobre o *loft* tem uma opinião muito favorável e incentiva a sua criação e utilização, seja pelo conceito, ou pela espacialidade, explicando-se: «sabem a história de como nasceu o *loft*? Nasceu quase como um abuso, em Nova Iorque, com os artistas, tornando-se em breve uma aspiração burguesa. Na minha opinião o *loft* é maravilhoso, porque põe à prova tecnologias, habitabilidade, liberdade, flexibilidade e informalidade, etc. Tendo um *loft* podemos fazer qualquer coisa, uma festa, e um dia depois aprontar o espaço para uma oficina de carpintaria, ou jogar basquete ou fazer tudo o que quisermos. Então, não percebo porque é que não o fazem»⁶⁹.

O *loft* é, então, por excelência, a habitação flexível, sem limites, onde tudo é possível, adaptando-se facilmente a qualquer funcionalidade que se pense para aquele espaço vazio e disponível, conseqüentemente, criativo, já que para lá se pode imaginar todo o tipo de actividades.

Há interesse em perceber o fenómeno *loft*, nas suas várias vertentes: a reconversão de edifícios industriais, a habitação e o modo de vida; registe-se que existem já três provas finais sobre este tema, o que mostra a curiosidade dos (ainda) estudantes em abordar estas questões, talvez para durante o seu percurso profissional se poderem debruçar sobre elas, já que não se encontram, ainda, totalmente debatidas.

Na prova final *Reciclagem de Espaços Industriais – O Loft*⁷⁰, a abordagem vai desde a época da industrialização - a sua história, a arquitectura industrial, a relação com o tecido urbano e os edifícios industriais desactivados -, passa pela reciclagem de edifícios industriais – contextualização, a flexibilidade destes edifícios, as várias hipóteses de refuncionalização e o papel do arquitecto -, foca o *loft* – a história, as características e a sua contemporaneidade – e estuda o caso português – a arquitectura industrial no nosso país, legislações vigentes relacionadas com o tema e as potencialidades do *loft* em Portugal. Assim, faz o percurso desde a época industrial, a génese

⁶⁸ Ibidem

⁶⁹ Ibidem, p. 51/52

⁷⁰ LOBO, Susana Maria de Oliveira - *Reciclagem de espaços industriais _ o loft*. (2004).

dos edifícios industriais, até à aplicação do *loft* em Portugal, com ênfase no estudo das estruturas industriais e nas suas características, a questão patrimonial e a viabilidade deste tipo de reciclagem, tendo por base alguma da legislação existente no nosso país, bem como regras internacionais com aplicação em Portugal.

Em *O arquétipus warholiano e os novos lofts*⁷¹ é feita uma abordagem mais conceptual, histórica e filosófica do *loft*, já sem o ênfase na sua principal característica, a de ser proveniente da reconversão de determinados edifícios industriais; a base é essa, mas não é a temática central do trabalho.

Já em *Loft Living: a contemporaneidade de uma nova forma de habitar*⁷² a problemática é precisamente a de entender o *loft* como um novo modo de vida e uma nova forma de habitar, e a que é que esse conceito corresponde na sociedade actual, não como uma possibilidade actual de reconverter edifícios industriais desactivados.

Estas três provas fazem, então, uma síntese geral da temática, numa abordagem aos três níveis do *loft*: a reconversão de edifícios industriais em habitação, o conceito e a filosofia, e a forma de habitar, sendo que estão todos intrinsecamente ligados, já que o *loft* engloba em si mesmo as várias considerações, sendo impossível separar as ideias, pois formam como que um ciclo que se encerra no próprio *loft*.

No presente trabalho, para além de se analisar este enredo que circula em torno do *loft*, pretende-se perceber qual a sua influência na questão da habitação no centro da cidade, onde antes se situavam muitos dos edifícios industriais que hoje se mostram disponíveis e aptos a serem reutilizados. Mais do que apenas um conceito e um modo de vida, encara-se o *loft* como uma estratégia, tanto de reciclagem de antigas estruturas industriais, como de uma nova hipótese de habitação no centro urbano.

Assim, segue-se um fio condutor que vai desde a cidade, onde tudo começa, encontra-se o património industrial - devoluto e a carecer de preservação -, chega-se ao *loft*, como possibilidade de uma nova vida para

⁷¹ SILVA, Tiago de Castro Nuno Santos - *O arquétipus warholiano e os novos lofts*. (2004).

⁷² COSTA, Daniela Gouveia Saraiva da - *Loft Living: a contemporaneidade de uma forma de habitar*. (2002).

esse património, e regressa-se à cidade, agora mais requalificada e revivificada. A equação é simples: o património industrial da cidade mostra-se disponível para acolher novas funções, o *loft* reúne dois programas importantes – a habitação e o local de trabalho – e a cidade encontra, assim, um novo ciclo de vida, a partir do que já tem, ganhando uma circunstância nova e adequada à contemporaneidade.

Capítulo 2: (n)O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL (d)A CIDADE

2.1. O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

2.1.1. DEFINIÇÃO, ESTADO ACTUAL E FUTURO

O património industrial é uma “área” do tão falado património, mas só recentemente objecto de estudo e de protecção, tendo sido, até aqui, considerado um “património menor”, integrando este património todos os itens relacionados com a Indústria, dos edifícios às máquinas utilizadas.

No presente trabalho, interessa apenas a parte dos edifícios industriais, olhando para estes como algo representativo da sociedade e da cultura, e que importa preservar. Intimamente relacionada com o património industrial está a Arqueologia Industrial, que pode ser definida como a secção da Arqueologia associada à Indústria e ao que esta nos deixou, ao estudar a vida quotidiana da civilização industrial, os seus costumes, os seus edifícios e o seu modo de vida, mostrando o quão importante é salvaguardar esta herança histórico-industrial por ser algo que está tão próximo da vida da população.

O património industrial tem suscitado, nos últimos anos, uma nova reflexão sobre o que é património, enquanto legado histórico e civilizacional, a fim de se poder «(...) conservar todas as dimensões de memória dos sítios

(...)»⁷³. Já não só os edifícios – monumentos - propriamente ditos fazem parte do património, mas também toda a sua envolvência: a paisagem, as referências a que alude, a relação com o espaço e, cada vez mais valorizada, a memória que transporta consigo; este novo conceito de património permite uma salvaguarda muito mais abrangente, na medida em que, para além do edifício, preserva-se igualmente um passado que diz respeito a todos e que a população mostra interesse e capacidade para valorizar.

Este “tipo” de património levanta vários significados através das suas características tão próprias e do que representa, como o momento histórico da industrialização (ainda tão presente nos dias de hoje), a materialização do Movimento Moderno no nosso país (época essa que vem sendo “renegada” no que toca à reabilitação), a proximidade com a vida das populações, a caracterização de uma época, a sua relação de centralidade com a cidade e, por tudo isto, conseqüentemente, a sua efemeridade e rápida obsolescência; assim, coloca questões de inventariação, classificação e reabilitação, independentemente do novo destino, incluindo-o no panorama arquitectónico actual, já que, «a sua preservação é, com efeito, uma reutilização»⁷⁴.

Intimamente relacionado com este património está outro: a memória, já em si um património, no sentido em que é algo que fica, uma lembrança do passado, sendo que «o valor memorial tem hoje um grande peso na definição de património»⁷⁵. Todo o património faz parte da memória, e vice-versa, o industrial em particular, uma vez que é o que está – esteve – mais próximo das pessoas, do seu trabalho e do contributo que deu à sociedade em geral, bem como à cidade, pois é também um importante elemento urbano, devido à sua localização central, aquando do seu auge de funcionamento (actualmente, as grandes indústrias situam-se, na generalidade, em periferias, nas zonas industriais), logo, a centralidade mantém-se, já que são os edifícios industriais mais antigos que agora se encontram na emergência de salvaguarda. É precisamente esta sua relação com a memória que obriga a que se tomem

⁷³ ALVÉS, Gille, “O património industrial – um território promissor”, in *Património – Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*. (1999), p. 26

⁷⁴ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 41

⁷⁵ FLORES, Joaquim de Moura, “Património: Do Monumento ao Território”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 13

medidas de recuperação destes edifícios, de modo a perpetuar a identidade de cada população; as pessoas revêem-se nos edifícios e querem preservá-los, pois só assim será possível fazer com que este património perdure no tempo, logo, a sua história – cronológica, arquitectónica e humana – será também mantida, física e conceptualmente.

O património industrial - e o património em geral - tem, então, o poder de invocar épocas passadas, através da memória, invocada pelos edifícios que as representam. Um ponto importante é o de manter vivas as memórias que estes edifícios trazem consigo, pessoais e colectivas, de modo a poder também, através deles, perpetuar a imagem que se tem de determinada cidade, na qual já se está tão habituado a associar determinados edifícios, demonstrando «(...) o princípio da arquitectura como garante de identidade e continuidade contextual, que é, aliás, um dos grandes temas da cultura arquitectónica da segunda metade do século XX»⁷⁶.

Manter a memória dos que viveram (n)essa época e (n)esses edifícios, bem como mostrar a memória de um passado que não se conheceu às gerações mais novas, «com o fim de delimitar o que pode ser transmissível às gerações seguintes como símbolo da identidade cultural»⁷⁷, tornando-o parte da história, admitindo que «um edifício não se torna “histórico” senão na condição de ser entendido como pertencendo simultaneamente a dois mundos, um presente e imediatamente dado, o outro passado e inapropriável»⁷⁸, e juntando esses tempos cronológicos para o mesmo fim: a salvaguarda da memória pela preservação de uma identidade, singular e colectiva.

Habitualmente, a reabilitação de edifícios mais antigos é muito mais apoiada do que a dos industriais aqui em questão, pois tende-se a valorizar o mais antigo em detrimento do mais recente, independentemente, muitas vezes, da qualidade, apenas porque «a noção de património é normalmente associada ao factor tempo. Quanto mais antigo o bem, mais raro é. Consequentemente, mais valioso se considera. Este factor, interpretado de forma deficiente, levou à

⁷⁶ FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. (2005), p. 43

⁷⁷ COELHO, Maria João Pinto, “Intervir no património – Conceitos e opções”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 43

⁷⁸ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 162

destruição de muitos edifícios do século XX, apenas porque, sendo recentes, não mereciam especial protecção. Atento a esta realidade, o Conselho da Europa veio, em 1991, recomendar a protecção do património arquitectónico do século XX, a fim de «evitar perdas irrecuperáveis, privando as gerações futuras deste instante da memória europeia». É o património do futuro que está em causa»⁷⁹. Importa, por isso, mais do que ter em conta a data do edifício, apreender as suas qualidades – estéticas, históricas e culturais -, de modo a “apenas” se salvaguardar o que realmente for digno de se manter no presente. Logo, não interessa aqui defender, na generalidade, a recuperação de todos os edifícios industriais, mas perceber quais são, de algum modo, representativos de uma época e/ou de uma cidade e, aí sim, colocar todo o empenho na sua preservação, conceptual, física e memorial.

Contudo, «a ausência de medidas cautelares em relação a todo o património industrial da cidade envolve, para além da negação da componente paisagística, a ocultação de valores arquitectónicos e técnicos, que esse mesmo património pressupõe e transmite em termos de criatividade e de futuro (...) gera efeitos perversos na própria transmissão da identidade, fazendo a separação entre um passado (...) e um presente (...)»⁸⁰. Se se pensar bem, sempre houve a necessidade de conservar os edifícios que correspondessem a um padrão pré-definido: importância histórica, valor cultural, qualidade arquitectónica; no fundo, que encerrassem só por si características de um tempo que tenha sido marcante na História. Por algum motivo, ainda hoje podemos encontrar castelos, palácios, igrejas e conventos de séculos bem anteriores ao de hoje, alguns já em ruínas, mas que, de qualquer maneira, ainda marcam o passado e trazem até à actualidade a vida antiga.

Mais presentemente, também se olha para edifícios, como os industriais, característicos de uma fase tão importante como a industrialização, que ainda hoje se vive, que, supostamente, nunca tiveram o mesmo peso dos anteriormente referidos, mas que, cada vez mais, são igualmente vistos como um testemunho da “antiguidade”, ainda que mais recente, e de valores culturais

⁷⁹ LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. (2004), p. 35

⁸⁰ FOLGADO, Deolinda, CUSTÓDIO, Jorge - *Caminho do Oriente: guia do património industrial*. (1999), p.

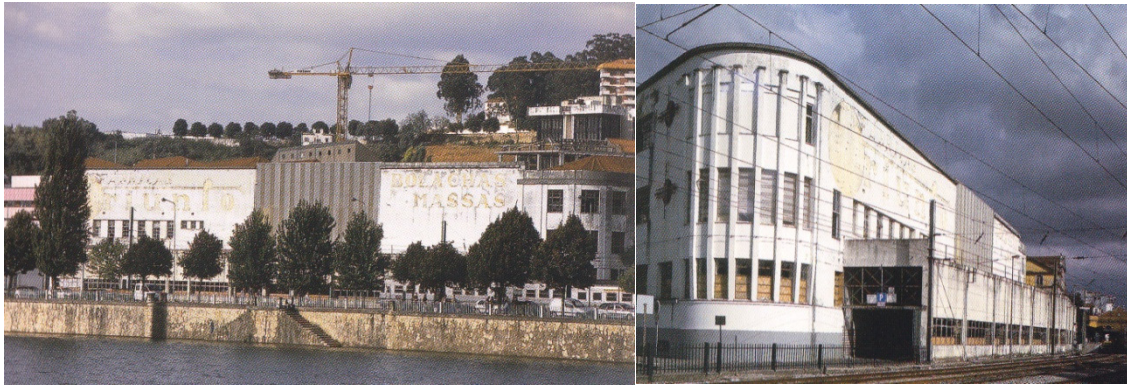
que neles estão incutidos e que se pretende que se prolonguem no tempo, tendo em vista a «(...) relação e interdependência entre indústria, espaço, paisagem e território e os aspectos dos espaços internos da arquitectura industrial (...)»⁸¹. Reparando, nota-se que a reabilitação tem estado mais presente no debate arquitectónico, já que se tomou consciência que pode ser um caminho para a manutenção da memória colectiva, numa época de globalização, em que a identidade – de cada um, de cada cidade, de cada país – é um valor a preservar, dentro «(...) do tema das questões do património e da sua reutilização actual»⁸².

O património industrial mostra-se sedento de atenção e está tão “à mão de semear” que é quase um paradoxo não se investir nele e no que ele tem para oferecer à população, à cidade e, de diversas formas, à arquitectura. É como se já se estivesse tão habituado a vê-lo assim que já não se liga à sua progressiva decadência e que, só quando se recupera e revitaliza é que se percebe realmente que estava mal. Portanto, antes que se verifique ser já demasiado tarde, é importante que se tomem medidas de salvaguarda deste património que nos é tão próximo, uma vez que é «(...) a compreensão do passado industrial e o reconhecimento do mesmo como património colectivo (...)»⁸³ que interessa pôr em prática.

⁸¹ FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX*. (2003), p. 10

⁸² *Ibidem*

⁸³ ALVÉS, Gille, “O património industrial – um território promissor”, in *Património – Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*. (1999), p. 25



Figuras 8 e 9. A antiga **Fábrica Triunfo**, junto à Estação Nova, em Coimbra, hoje totalmente desaparecida, após a sua demolição. Este é um dos muitos casos em que a total ausência de interesse e preservação pode levar à conseqüente demolição, perdendo-se assim os edifícios característicos de uma época histórica e arquitectónica; aqui, um edifício pré-modernista que encimava a margem fluvial do centro urbano.



Figuras 10 e 11. **Vazio urbano** deixado no centro da cidade pela demolição da referida Fábrica Triunfo.

2.1.2. EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS DESACTIVADOS E OBSOLETOS. POTENCIALIDADES DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Os edifícios industriais originais que hoje conhecemos, para além de «(...) se terem rapidamente transformado em sistemas obsoletos de grande dimensão com forte presença no território (...)»⁸⁴, estão, na sua maior parte, desprovidos do seu sentido inicial: o de criação, de fabricação e de armazenagem de produtos provenientes da industrialização; mantêm apenas duas das características iniciais: a centralidade urbana e, nalguns casos, a qualidade arquitectónica. Em comum, têm a carga histórica que acarretam consigo, desde a Revolução Industrial, à das memórias das populações e à sua presença marcante nas cidades, bem como a progressiva decadência em que se encontram; como afirma o arquitecto Nuno Grande, verifica-se que «neste contexto, crescem no interior do tecido urbano espaços marginalizados que, paradoxalmente, constituem, na maioria das vezes, os próprios centros gravíticos da cidade ou pelo menos da sua memória colectiva»⁸⁵.

Actualmente, a grande parte destes edifícios industriais encontra-se vazia e degradada, já sem cumprir a função para a qual foram criados. Isto deve-se, sobretudo, à criação de zonas industriais nas periferias das cidades, devido ao grande crescimento industrial e à necessidade de maiores edifícios e melhores condições. Estes edifícios tornam-se, então, obsoletos e assiste-se, muitas vezes passivamente, à sua degradação, mais, ou menos, profunda a nível estrutural, chegando mesmo, ocasionalmente, à ruína, ou à sua demolição.

Criam-se, assim, vazios urbanos nos centros das cidades. Para Solà-Morales, estes “terrain vague” [Fig. 12] são uma «forma de ausência»⁸⁶ numa «porção de terra na sua condição expectante»⁸⁷, contrapondo desde logo as duas noções que associam a estes “terrain vague”: são vazios urbanos para a cidade, mas encerram em si próprios a plenitude de memórias passadas. Logo,

⁸⁴ FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz, “Fim da fábrica, o início da ruína”, in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 92

⁸⁵ GRANDE, Nuno - *Arquitectura & não*. (2005), p. 13

⁸⁶ SOLÀ-MORALES, Ignasi de - *Territorios*. (2002), p. 101

⁸⁷ *Ibidem*, p. 186

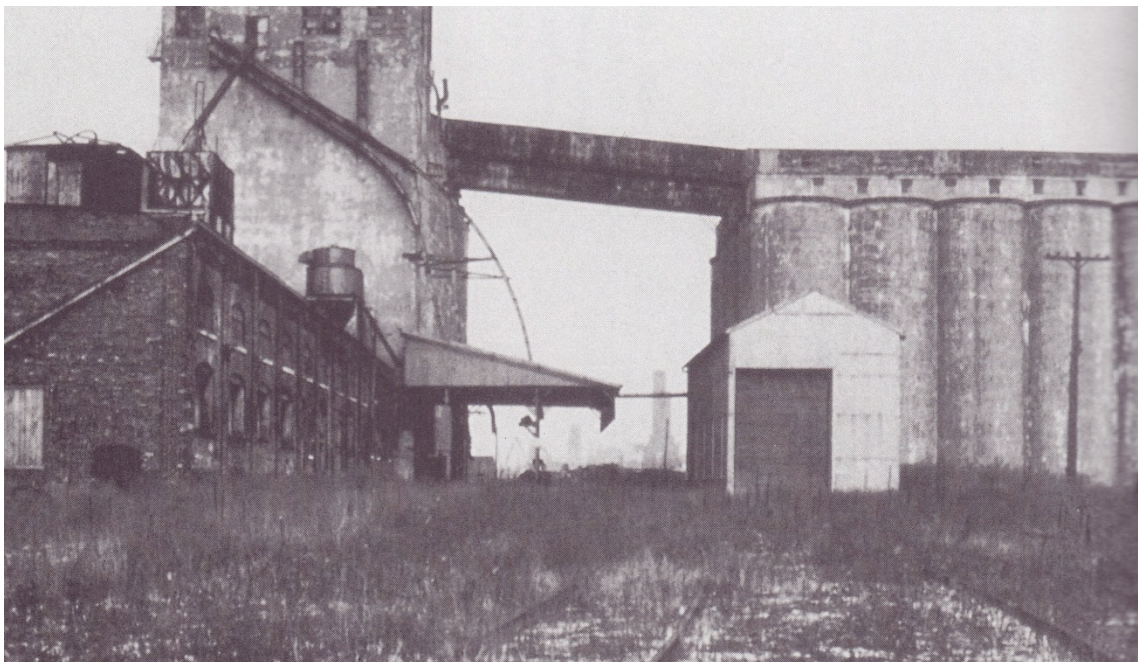


Figura 12. Imagem que Solà-Morales usa para ilustrar o **“terrain vague”**; nela se pode observar precisamente o vazio deixado na cidade, mas onde se lê a história de tempos ausentes.

mais do que ocupá-los com uma nova urbanidade, interessa transpô-los para o presente, sem esquecer o passado que lá se vive(u), privilegiando a continuidade, não a ruptura. No âmbito deste trabalho e no caso de vazios urbanos industriais, entende-se como continuidade a (re)utilização deste património industrial para novas funções, criando «morfologias abertas e interactivas»⁸⁸ entre passado e presente, e também futuro.

Esta situação de edifícios industriais vazios e conseqüente vazio urbano levanta várias questões: sociais, económicas e, sobretudo, arquitectónicas e urbanas. As áreas onde antes se desenrolava a actividade industrial são agora áreas degradadas, precisamente porque já nada lá se passa, e esta ausência de funções traz consigo a formação de guetos, onde se juntam agora os grupos sociais mais baixos, muitas vezes para actividades ilícitas, baixando progressivamente o valor (económico, histórico e cultural) dessa zona, o que, ciclicamente, só faz com que tudo se deteriore cada vez mais, em todos os sentidos. Os edifícios vazios em si são, essencialmente, um problema de arquitectura e de urbanismo; são edifícios que estão desaproveitados, tirando espaço à criação de novos e, simultaneamente, desqualificando a cidade.

Importa, em primeiro lugar, perceber que tipo de edifícios se tem em mãos, para se poder decidir o futuro: se for um edifício que é meramente uma estrutura de produção ou armazém, os ditos barracões industriais, que não demonstra qualidades arquitectónicas, talvez o seu destino deva ser a destruição e aproveitar esse local para novos edifícios, ou espaços urbanos sem construções; por outro lado, se o edifício mostrar qualidades arquitectónicas e constituir em si próprio um marco na história da arquitectura, ou da cidade, a hipótese pode ser a do seu aproveitamento, enquanto edifício, pensando “apenas” numa nova função, já que «consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, em arrancá-lo a um destino museológico, a *reutilização* é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil da valorização patrimonial. (...) Atribuir-lhe um novo destino é uma operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original. Esse destino deve, antes de tudo, ter em

⁸⁸ Ibidem, p. 87



Figuras 13 a 16. **LX Factory**. Esta antiga área industrial de Lisboa, em Alcântara - e mantendo quase intacta a estrutura industrial, fazendo apenas a sua preservação e recuperações pontuais - é hoje uma “ilha criativa” onde se encontram desde pequenas indústrias aos mais diversos eventos de arte, arquitectura, moda, música, que, ao dinamizarem o edifício, dão a possibilidade de (re)descobrir esta zona urbana.

conta o estado material do edifício que, hoje em dia, exige ser apreciado em função do fluxo dos seus utilizadores potenciais»⁸⁹.

Interessa que seja uma mais valia para o presente, servindo a sociedade, bem como a cidade, contemporâneas, sendo que esta recuperação do património industrial para a actualidade «reside, portanto, em processos que inovem a história da arquitectura, a elucidação de conteúdos que construam novas visões de futuro para o seu significado, devolvendo-a à contemporaneidade, com a sua hibridez, com os seus desvios e contradições. E este deve ser o princípio da preservação»⁹⁰. O que é importante é que se faça destes vazios urbanos novas áreas urbanas de qualidade, de modo a poder restituir à cidade algumas das suas antigas zonas centrais, bem como, em última instância, criar condições para que seja possível, através da arquitectura, «(...) reconciliar os cidadãos com a cidade»⁹¹.

São várias as soluções que se apresentam quando se trata de regenerar estas áreas urbanas em crise: terminar com tudo o que existe e começar do zero, com novos edifícios e novos programas; museificar os edifícios em questão, tornando-os pólos culturais de memorial do que dantes lá acontecia; reaproveitar os edifícios para novas funções que melhor respondam à sociedade, e à cidade, actual. «Muitas das realizações que se ergueram até finais dos anos sessenta encontram-se hoje desactivadas e surgem aos olhos dos cidadãos como um novo tipo de ruína, suscitando perplexidades várias. O seu desaparecimento por demolição e substituição ou a sua manutenção por reaproveitamento funcional ou museificação colocam desafios acutilantes para os quais não há respostas pacíficas»⁹².

Contudo, apesar das diferentes opções, o objectivo é sempre o mesmo – o de requalificar a cidade, a partir de zonas que estão decadentes, pretendendo-se torná-las novos pólos de atracção, não de afastamento. Posto isto, torna-se oportuno e, por vezes, urgente, pensar que futuro dar a alguns

⁸⁹ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 233/234

⁹⁰ FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz, "Fim da fábrica, o início da ruína", in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 92

⁹¹ COUCEIRO, João, "Que fazer?", in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 9

⁹² GUIMARÃES, Carlos, "Arquitectura e indústria modernas (1925-1965)", in GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 5

destes edifícios, àqueles que mostrem qualidades estéticas e ainda estabilidade construtiva; com o passar do tempo, haverá muitos em que a reabilitação já não é possível, devido à acelerada e profunda degradação. Assim, cabe, principalmente, aos arquitectos pensar em novas funcionalidades para os edifícios já existentes, de acordo com as suas características, bem como pensar que programas melhor se adequem à cidade (e à zona) que estiver em questão, sendo que «hoje o desafio é conciliar património e desenvolvimento»⁹³.

«A afirmação de Lavoisier “na natureza nada se perde, tudo se transforma” ganha novos sentidos na arquitectura»⁹⁴, nomeadamente no contexto do património, principalmente no industrial, pois é aquele que permite maiores variações de função, por ser o mais flexível e adaptável na sua forma, logo, na disposição interior, possibilitando um – quase – ilimitado leque de programas na sua “nova” vida, após o fim daquela para a qual foi construído.

«A herança industrial desafectada coloca dois tipos de questões, de natureza e escala diferentes. (...) os edifícios individuais, frequentemente de construção sólida, sóbria e de fácil manutenção são facilmente adaptáveis às normas de utilização actuais e prestam-se a utilizações, públicas e privadas, múltiplas»⁹⁵, uma vez que o património industrial é passível de ser reconvertido para inúmeras funções, desde o museu (a maior parte das vezes museu da indústria que se praticava no edifício), a centros culturais – exposições e espectáculos -, a centros de conferências, a espaços de trabalhos e também a habitação (o *loft* americano dos anos 50 do século XX), e todas estas transformações são possíveis, devido às grandes áreas destes edifícios, a maior parte das vezes sem divisórias interiores, o que permite uma maior flexibilidade do espaço, seja para que programa for. Neste contexto de “escolha” de programa, «(...) trata-se de saber, intervindo no património, se a tarefa é sempre embalar o que sobra da História, ou se pode ser reinventá-la a

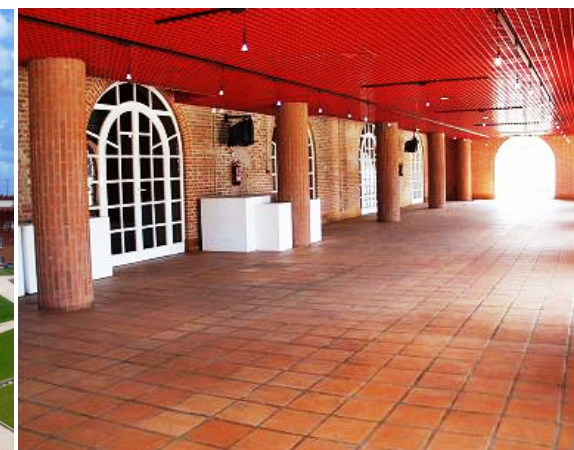
⁹³ FLORES, Joaquim de Moura, “Património: Do Monumento ao Território”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 11

⁹⁴ FLORES, Joaquim de Moura, “Património: Do Monumento ao Território”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 13

⁹⁵ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 234



Figuras 17, 18 e 19. **Museu dos Lanifícios** na Covilhã. Antiga Real Fábrica de Panos, recuperada e reutilizada para nele permanecerem as memórias da indústria que lá se realizava.



Figuras 20 e 21. **Centro Cultural e de Congressos** em Aveiro. Na antiga Fábrica Jerónimo Pereira de Campos, funciona hoje um forte elemento cultural da cidade, onde se realizam diversos eventos de várias áreas. Para além da reconversão do espaço industrial, realizou-se igualmente a respectiva requalificação urbana.

partir daquilo que é essencial»⁹⁶, ou seja, perceber se o que interessa é museificar o edifício e a sua função, ou, pelo contrário, adaptar o edifício aos dias de hoje, com funções contemporâneas e duráveis no tempo.

Hoje em dia, nomeadamente em Portugal, é já relativamente comum encontrar alguns destes edifícios reconvertidos em programas museológicos e culturais; mais raro, e ainda por explorar nesta questão da reciclagem de edifícios industriais, está a questão da habitação. O programa habitacional deverá ser considerado como mais uma hipótese neste tipo de reutilização, na medida em que é o principal programa de uma cidade e é provavelmente o que mais mobiliza pessoas no centro das cidades. É uma questão de se tirar partido da, já referida, flexibilidade deste tipo de edifícios e igualmente da, consequente, adaptabilidade, uma vez que se moldam muito facilmente a funcionalidades muito díspares umas das outras e que permitem requalificações a nível social, económico, cultural e urbano.

No contexto da reconversão do património industrial, é muitas vezes escolhida a cultura como novo programa para estes edifícios. Devido às suas grandes áreas, o programa cultural surge como uma coerente abordagem, onde é possível expor obras de grandes dimensões, criando novos museus nestes antigos complexos industriais, agora devolutos; para além de museus/galerias propriamente ditos, estes edifícios renascem também algumas vezes sob a nova função de centros de congressos, conferências e exposições. Contudo, este tipo de programas não se torna sustentável se todo o património industrial for reutilizado para funções museológicas e de congressos, uma vez que são situações pontuais e finitas, isto é, com espaço e hora marcada, logo, seria impensável que por todas as cidades proliferassem museus e centros de conferências.

Ainda assim, e sendo este o programa “preferido” nas reconversões do património industrial, encontram-se, numa escala mais elevada e com maior reconhecimento, exemplos em que a cultura (ainda) funciona, desempenhando positivamente a sua função de reutilização de edifício industrial e de requalificação urbana. A nível internacional, a Tate Modern [Figs. 22, 23 e 24], em Londres, surge de um reaproveitamento de uma estrutura industrial eléctrica

⁹⁶ FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. (2005), p. 66



Figuras 22, 23 e 24. **Tate Modern.**



Figuras 25 e 26. **Alfândega Nova do Porto. Museu dos Transportes e Comunicações.**

para uma galeria de arte e trouxe consigo uma nova vida à margem Sul do rio Tamisa; hoje, a antiga zona industrial devoluta e sub-desenvolvida encontra-se em muito melhores condições, sociais e urbanas. Em Portugal, a Alfândega Nova do Porto [Figs 25 e 26] ilustra a capacidade formal e funcional de um edifício industrial albergar novas funções – museu e centro de congressos e exposições -, bem como a possibilidade de, através de um novo programa, requalificar a cidade e revivificar uma zona urbana previamente degradada. Nestes dois exemplos percebe-se que a partir destas novas funções foi possível requalificar e reabilitar estas áreas urbanas, bem como revivificá-las, ao trazer pessoas para visitar os “novos” edifícios. Contudo, é uma permanência populacional temporária, na medida em que a afluência é no horário de funcionamento dos complexos culturais, logo, esta não será uma opção sempre viável aquando da revivificação das cidades.

A reconversão de alguns edifícios industriais pode ser o início da resolução de várias questões que se colocam na cidade actual: a necessidade de criar um futuro para as áreas onde estes edifícios estão implantados, dando-lhes um novo destino que as tire da negligência em que se encontram, a conservação de edifícios que sejam, de algum modo, relevantes para a história da cidade e a implementação de novos programas em zonas, a maior parte das vezes, centrais, o que, conseqüentemente, gerará uma regeneração urbana há tanto tempo esperada.

Importa, nestas reconversões, «(...) conciliar rigor científico, criação artística e ancoragem territorial, também através de uma nova relação com a população»⁹⁷, adequando o novo programa às cidades actuais, aos edifícios que ainda é possível reutilizar e aos hábitos de vida da população, de modo a poderem ser duráveis no tempo, permitindo uma maior consolidação social e urbana. Assim, a grande potencialidade do património industrial abrange, na realidade, três vertentes: recuperação de edifícios marcantes de épocas passadas, criação de novos programas e requalificação urbana de áreas em crise, tudo isto aliado à preservação de memórias e de identidade.

⁹⁷ ANDRIEUX, Jean-Yves - *Le patrimoine industriel*. (1992), p. 93; tradução da autora

2.2 A CIDADE

2.2.1. INÉRCIA DA CIDADE ACTUAL

«As cidades estão hoje na ordem do dia»⁹⁸ porque estão em *stand-by*, inertes, sendo que «o que está em causa em última instância é a própria avaliação da qualidade de vida urbana na e da cidade»⁹⁹. Pretende-se fazer muita coisa, inovar, melhorar e crescer, quando muitas vezes a resposta está no que a cidade já tem. Mais importante que fazer mais cidade, é fazer melhor cidade, aproveitar o que de melhor esta tem, reavivando-a, olhar para o passado, pensar no presente e preparar o futuro. Ir ao cerne da questão, ao centro da cidade, e ver o que está aí disponível para (a) fazer renascer, um «renascimento urbano» (...) uma outra atitude face à cidade»¹⁰⁰.

Actualmente, na cidade contemporânea, «as rupturas são de várias ordens – perda ou estabilização da população urbana, degradação e esvaziamento dos centros antigos das cidades de base operária, decadência do parque industrial em frentes de valor estratégico e marginalização de áreas monofuncionais cuja reconversão se vem adiando»¹⁰¹. Daí que seja premente agarrar a cidade no ponto em que está e tentar resolver estas questões que se põem nas diversas áreas urbanas, sendo o centro aquele que mais situações levanta e no qual é preciso trabalhar o quanto antes.

Tendo a cidade como ponto de partida e como ponto de chegada, importa agora fazer uma paragem neste percurso, em que a realidade é, em termos de reabilitação do construído, aparentemente, simples: ir buscar ao passado o que é preciso no presente para garantir o futuro. Garantir o futuro, essa é a questão; assim, trata-se de perceber o que há na cidade, o que se passa com o que há na cidade e o que se pode fazer com o que há na cidade e «repor uma nova urbanidade»¹⁰².

⁹⁸ FERREIRA, Vitor Matias, “Património urbano – A memória da cidade”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 11

⁹⁹ *Ibidem*, p. 58

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 54

¹⁰¹ GRANDE, Nuno - *Arquitectura & não*. (2005), p. 13

¹⁰² COUCEIRO, João, “Que fazer?”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 9



Figura 27. Para a requalificação da **Baixa de Coimbra** têm sido tomadas diversas medidas, e outras estão ainda em plano, a vários níveis: arquitectónicos, sociais e económicos – no fundo, a nível urbano.

Realmente, a parte prática é a que se torna mais complicada, pois há muitas questões envolvidas: políticas, económicas, sociais, culturais e arquitectónicas; segundo o sociólogo Vitor Matias Ferreira, «significa isto que as novas políticas de recuperação e de reabilitação do edificado antigo, porque necessariamente inserido em determinadas malhas urbanas com uma história social constitutiva da própria história da cidade, são indissociáveis e sobretudo decorrentes de novas exigências sociais, culturais e económicas»¹⁰³. Contudo, talvez com um esforço geral se consiga alcançar o objectivo comum de “fazer cidade”. Neste momento o presente é crucial, portanto, implica conjugar todos os poderes, públicos e privados, nas mais diversas áreas, para se poder recuperar a cidade, de modo a que ela possa continuar a fazer-se viver, por muito tempo.

O que aqui está em questão, «acerca da decadência do espaço urbano»¹⁰⁴, e personificando a cidade, é a sua esperança de vida e a consequente longevidade urbana, física e emocional. Física, já que são os seus edifícios que permitem passar à prática esta questão (seja aproveitando os que já existem, seja construir novos); emocional, pois é a memória da população, e a sua relação com a cidade em que vive, que importa salvaguardar; e urbana porque é a urbe em si que está em causa. «As cidades são organismos vivos que têm que se ir regenerando»¹⁰⁵, por isso, ou através da manutenção do existente, ou através de novas opções, ressalta a questão da valorização da cidade, permitindo a sua própria regeneração.

A par da vida que hoje se vive e com todas as suas permanentes e rápidas alterações, quase em relação causa-efeito, a cidade vai também sendo modificada e, naturalmente, pretende-se que a cidade consiga acompanhar a evolução que a circunda, uma vez que «a cidade do presente e, mais ainda, a do futuro, estarão em movimento»,¹⁰⁶ na medida em que tentará, como já foi

¹⁰³ FERREIRA, Vitor Matias, “Património urbano – A memória da cidade”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 56

¹⁰⁴ GUTERRES, João, “Morte e vida (severina) dos espaços públicos urbanos”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 123

¹⁰⁵ Arquitecto Gonçalo Byrne, in “Receitas Cruzadas”, *Jornal da Noite*, SIC, 13 de Fevereiro de 2009 (citado de memória)

¹⁰⁶ CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. (2008), p. 208

referido, acompanhar as várias épocas por que passar, integrando-se na vida contemporânea, em constante mutação.

Neste trabalho em concreto, a disciplina em questão é a Arquitectura, logo, mais do que todos os outros campos de acção na regeneração urbana, salienta-se que «a re-qualificação urbana tem na arquitectura um dos principais instrumentos de reflexão e actuação. A cultura arquitectónica é um conjunto variável de experiências e tipos de abordagem, que se vão refinando e adequando às condições e aos tempos que emergem. Mas, a arquitectura, por ser uma disciplina que tem que dar resposta a muitos aspectos diferentes – orçamento, gosto, conforto, funcionalidade, programa, acessibilidades -, e por corresponder à materialização de hábitos civilizacionais, tem estrutural e historicamente uma relação conflituosa com a “natureza”. A relação entre a arquitectura e a “natureza” é sempre de confronto – seja sob a forma de “agressão”, seja tomando o modo de “integração”»¹⁰⁷. Assim, importa pôr a arquitectura ao serviço da cidade, fazendo com que uma responda às necessidades da outra, seja pelo meio da “novidade”, seja pelo da permanência.

Provavelmente, o que a cidade precisa de momento é de sofrer uma metamorfose, evoluindo para se poder manter actual. Passar do seu estado “vegetativo” a uma nova vida, é esse o caminho que a cidade tem que seguir, logo, é a esta questão que os intervenientes na requalificação urbana – políticos, arquitectos, engenheiros, urbanistas - têm que dar resposta, empenhando-se em melhorar as condições actuais das cidades em geral, dando-lhes sentido e revivificando-as, essencialmente o seu centro (histórico e zona central), pois é aí onde se denotam os maiores problemas, bem como é aí que realmente se encontra cidade; a cidade envolvente, periférica é, cada vez mais, zona urbana, e não *cidade*, enquanto zona característica das várias cidades - como diz o arquitecto Jorge Figueira, «(...) talvez seja interessante estabelecer uma diferença entre o que é a *cidade* e o que é o *urbano*. A *cidade* é o que era – o Porto é uma cidade – o *urbano* é o que é: é o que conhecemos difusamente do centro histórico para fora, as margens, as franjas, as periferias. A *cidade* é um lugar reconhecível, o lugar da história, inamovível

¹⁰⁷ FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. (2005), p. 24

embora recriável; o *urbano* é a presença daquilo que se move, do que é transitório, do que depende do futuro. O *urbano* não é exclusivo da *cidade*, mas é tudo o que tem a ver com a densidade a ambiciona movimento e não está organizado por um centro ou por uma *razão de ser* indiscutíveis. Tem a ver com os fluxos, com os desejos das pessoas, com os centros comerciais, os hipermercados, os aeroportos: o *urbano* é aquilo que não é *rural* mas que também não é *cidade*»¹⁰⁸.

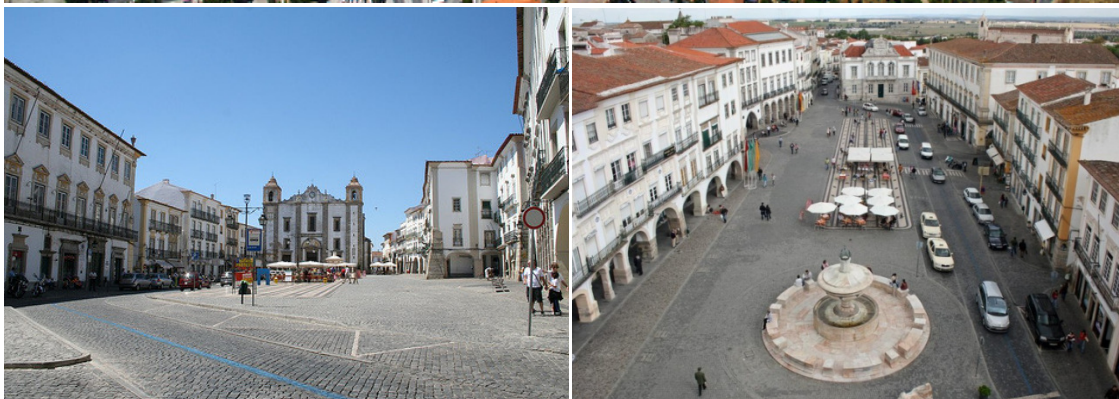
Aquilo a que se assiste hoje é a uma pressão entre a cidade tradicional e o culto do novo; logo aí, surgem as divergências de, ou manter e regenerar a cidade que sempre existiu, ou fazendo-a crescer cada vez mais para fora dos seus limites. Os centros históricos estão, actualmente, na berlinda, pois urge tratá-los, de modo a que ainda possam ser úteis, formal e funcionalmente, para a urbe que “representam”. É pacífico e de comum acordo que os centros históricos são zonas importantes das cidades, pois é aí que está a sua génese e de onde tudo partiu e se expandiu. O problema é que esses centros são, hoje, precisamente isso: históricos; fazem-se viver da História e, simultânea e consequentemente, vêem-se morrer. É importante museificá-los? Sim, se museu significar algo onde se encontram memórias e histórias, neste caso, urbanas. Mas, ao mesmo tempo, dando-lhes programas e funcionalidades que se adequem à contemporaneidade, fazendo deles memórias, sim, mas vivas, uma vez que «à medida que se afirmam as tendências de embalsamento do património, acentua-se a desertificação dos lugares da história»¹⁰⁹ e não é isso que se pretende, antes pelo contrário.

E esta perspectiva pode estender-se ao centro da cidade, este num sentido mais lato do que o centro histórico; entenda-se como centro a zona central da cidade, onde cada vez mais se notam necessárias alterações, de infra-estruturas, de programas, independentemente do motivo (cessação de algumas funções, início de outras).

Trata-se de «(...) questionar a natureza dos problemas das áreas urbanas em crise, os desafios que essas áreas constituem e as questões que as

¹⁰⁸ FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. (2005), p. 37

¹⁰⁹ CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima - *Construir no tempo*. (1999), p. 7



Figuras 28, 29 e 30. **Évora** tem sido alvo de várias intervenções de requalificação urbana, nomeadamente no âmbito da habitação no centro histórico. Para o Presidente da Câmara da cidade, «nos cuidados no que respeita à revitalização urbana, o que está em causa não é apenas a recuperação dos edifícios, está em causa toda a recuperação de uma vida, de um modelo e forma de vida»^b, dizendo que o centro da cidade de Évora «é um centro histórico vivo, não um centro histórico que abre às 9h da manhã, fecha ao meio-dia, depois abre as 14h e fecha às 17.30, não queremos que o seja»^c.

^b José Ernesto Oliveira, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=1-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11641>)

^c *Ibidem*

mesmas colocam à acção pública»¹¹⁰ e, acima de tudo, preservar é a palavra de ordem, já que é a preservação que permite manter vivas as memórias da cidade e, conseqüentemente, das pessoas que lá habitam, independentemente de ser uma preservação activa – em que se “actualiza” o que existe -, ou passiva – em que apenas se conserva, «num contexto de generalizada valorização da vida urbana»¹¹¹.

¹¹⁰ BAPTISTA, António J. Mendes, MARTINHO, Maria Albina - *Programas Urban e Reabilitação Urbana*. (1997), p. 6

¹¹¹ FERREIRA, Vitor Matias, “Património urbano – A memória da cidade”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 57

2.2.2. REQUALIFICAÇÃO URBANA

[através da recuperação do património industrial]

A requalificação urbana é isso mesmo: voltar a qualificar a cidade, (re)atribuir-lhe qualidade(s). Neste trabalho, propõe-se perceber se a reconversão de edifícios industriais que aqui se estuda é, de algum modo, uma das possíveis reatribuições de cidade à própria cidade, dentro da problemática do património urbano. Muitos destes edifícios estão em pontos nevrálgicos da cidade, com grandes capacidades de inverter a desqualificação urbana a que se assiste, podendo, quando adequado, serem objecto de recuperação, logo, parte integrante da requalificação urbana; o desafio é fazer com que «a revitalização dos centros urbanos antigos, com a reutilização do património edificado existente, e a manutenção da ambiência social dos bairros históricos»¹¹² seja possível e que traga consigo benefícios para a cidade - urbanos, arquitectónicos e sociais.

Os edifícios industriais encerram em si mesmos uma parte importante da História, como é a Revolução Industrial e todas as repercussões que trouxe consigo e, simultaneamente, tornam-se bens próximos das populações, através do seu carácter operativo, onde muitos trabalharam, valendo, por isso, a pena preservar e reconverter aqueles que demonstrarem terem qualidades – históricas, arquitectónicas, estéticas, técnicas e urbanas - para serem representativos de um passado que marcou tudo e todos e que demonstram a «grande potencialidade que o passado construído nos põe à disposição»¹¹³. Existe «a necessidade de começar pelo único ponto fixo que é (...) a experiência de continuidade da cidade histórica, da sua arquitectura, para de alguma forma reduzir a distância que separa estas duas cidades (a cidade histórica e a cidade contemporânea)»¹¹⁴; o património industrial torna possível

¹¹² LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. (2004), p. 30

¹¹³ CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima - *Construir no tempo*. (1999), p. 8

¹¹⁴ GRASSI, Giorgio, “Projecto para a Cidade Antiga”, in CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima - *Construir no tempo*. (1999), p. 17

aproximar estas duas cidades, pois é algo representativo da cidade histórica que se pode fazer igualmente presente na cidade contemporânea.

Assim, vê-se como algo natural que a abordagem ao património industrial seja feita através da sua recuperação, visto que neste estão implícitos muitos conceitos da cidade actual e que se pensa serem de manter no futuro, como, já referido, as pré-existências históricas e arquitectónicas que permitem manter viva a identidade de cada cidade pela permanência da memória, urbana e da população, sendo, por isso, de preservar este património e dele tirar partido para a necessária requalificação urbana.

Já que «a arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem, com toda a carga dos sentimentos das gerações, dos acontecimentos públicos, das tragédias privadas, dos feitos novos e antigos»¹¹⁵, pode aproveitar-se, então, o mesmo cenário – a arquitectura existente e onde se encontram vivências antigas – para diferentes ocasiões, mantendo-o para encenações futuras, numa «transformação da ruína do passado em bem-estar do futuro»¹¹⁶.

A recuperação do património industrial possibilita, então, trazer o passado até ao presente, de modo a demonstrar a continuidade existente na cidade; «no fundo, adquirir uma estabilidade emocional e restabelecer os laços entre o passado e o presente, sem cortes nem roturas, recuperando a sustentabilidade e a qualidade urbana perdida é o que pretendemos hoje com a preservação do património»¹¹⁷.

«Também um sentido prático advoga pela continuidade, pois em grande parte dos casos ocupam lugares de importante densidade populacional, (...), o que representa uma excelente ocasião para se traduzir em oportunos reordenamentos urbanísticos. Tudo isto transmite a urgência em encontrar novos destinos para tão vastas áreas degradadas e avançar no seu saneamento e recuperação»¹¹⁸; assim, a recuperação do património industrial

¹¹⁵ ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. (2001), p. 22

¹¹⁶ GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 59

¹¹⁷ FLORES, Joaquim de Moura, "Património: Do Monumento ao Território", in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 17

¹¹⁸ GARCIA BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965*. (2005), p. 58



Figuras 31 e 32. Tanto o **Museu Guggenheim** em Bilbao, como a **Casa da Música**, no Porto, ilustram o contraste arquitectónico com a malha urbana já consolidada; em ambos os casos, esta nova arquitectura levou igualmente a uma requalificação urbana da envolvente e a um renovado interesse, por parte do público, pelas respectivas áreas de localização.

pode ser encarada como uma boa oportunidade para a necessária requalificação urbana destas áreas centrais da cidade, hoje desprovidas de todas as suas capacidades. O obsoletismo deste património industrial deve ser encarado como uma oportunidade, uma vez que «as cidades ou territórios agora abandonados pela indústria têm perante si a ocasião de tomar decisões capazes de os orientar para novas perspectivas de futuro»¹¹⁹.

O contraste na malha urbana pode ser importante e funcionar em pleno; contudo, isto acontece maioritariamente em casos específicos, em que as soluções que se apresentam de manter o existente já não são viáveis, ou não existem pré-existências em questão, apenas um novo programa, ou uma requalificação urbana com base numa área, não num edifício, ou se o que se pretender for exactamente um choque com a estrutura já consolidada, de modo a ter um novo pólo de interesse. Mais ténue, mas igualmente significativo, o choque que o *loft* provoca, em termos convencionais, no sentido em que uma habitação num edifício industrial pode ser algo que à partida não se pensaria, pode ser do mesmo modo positivo, na medida em que abre novas possibilidades, potenciando o património existente na cidade; mais do que um contraste urbano, uma confrontação de mentalidades e de reutilização de edifícios devolutos, em termos de programa interior.

A cidade a renovar-se a si própria, a partir do que já lhe confere autenticidade e que faz sentido que se mantenha, já que «face à crescente desintegração da paisagem urbana, porquê cortar com um princípio que garante o entendimento alargado e relacional do património (...)?»¹²⁰ - é o que se pretende quando se fala de salvaguardar alguns dos edifícios industriais que actualmente se encontram devolutos nas cidades.

Permite-se, assim, que a veracidade da cidade se torne mais profunda e perene, uma vez que «ainda que se reduza a dimensão inventiva do projecto arquitectónico, a gestação será mais lógica – mais transmissível portanto – e compatível com a sua missão cultural e artística»¹²¹, o que possibilita uma maior envolvência com a cidade e com o que esta tem para oferecer aos

¹¹⁹ Ibidem, p. 59

¹²⁰ FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. (2005), p. 66

¹²¹ GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*. (1996), p. 15, tradução da autora

cidadãos, e o projecto arquitectónico pode, simultaneamente, ganhar muita capacidade criativa, ao ter que ser feito com base no pré-existente, criando condicionantes que poderão despoletar soluções mais inovadoras, acreditando sempre na capacidade da arquitectura em dar respostas concretas às exigências da vida contemporânea, aqui essencial, já que se trata de (re)utilizar um edifício antigo na cidade actual.

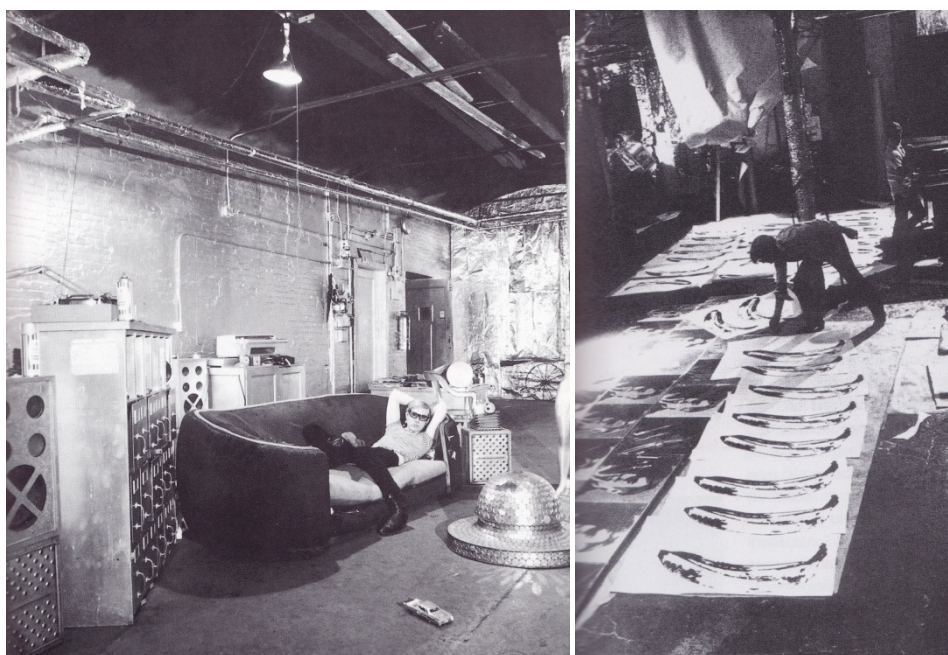
Em torno do património industrial, importa criar «um percurso de intervenções urbanísticas na cidade existente, desde a renovação urbana até à reabilitação social e territorial»¹²², pois, para além da requalificação urbana em si, interessa que também as condições sociais, culturais e territoriais da cidade sejam recuperadas, de modo a fazer da cidade uma cidade sustentável a todos os níveis, de acordo com a época em questão.

A reconversão e reutilização do património industrial da cidade, aqui estudada em específico a sua reconversão em habitação – *loft* -, faz com que «alguns aspectos que pareciam mortos ressuscitem, mas noutro contexto, com outros objectivos, outras formas»¹²³. Com a recuperação do património industrial (preservação, consolidação, reutilização, reconversão) pretende-se criar novos dinamismos na cidade, a partir de um novo ciclo de vida, com um novo programa, chamando pessoas para as zonas onde estes edifícios se localizam, logo, consolidando e revivificando toda a envolvente, sendo que «a requalificação urbana gera assim novas expectativas e recria realidades urbanas, quer pela simples valorização de um dos seus elementos, quer por uma mais complexa e abrangente intervenção ao nível do desenho urbano como forma de reorganizar dinâmicas axiais e conseqüente “padrão de movimento natural”»¹²⁴.

¹²² FERREIRA, Vitor Matias, “Património urbano – A memória da cidade”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 53

¹²³ NICOLIN, Pierluigi, “Urban Housing”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 54

¹²⁴ COELHO, Maria João Pinto, “Intervir no património – Conceitos e opções”, in COUCEIRO, João, coord. - *Urbanidade e património*. (1998), p. 47



Figuras 33 e 34. **The Factory**. Aqui, Andy Warhol a desfrutar das duas valências que o *loft* proporciona: a casa e o local de trabalho. O artista encontrou este espaço desabitado e dele fez o seu habitat; como ele próprio diz, «sempre gostei de trabalhar com as sobras, de converter as sobras em coisas. Sempre achei que as coisas rejeitadas, e que todos pensam que não servem para nada, podem ser divertidas. É como um trabalho de reciclagem. Sempre achei que as sobras tinham muito humor»^d.

^d ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 127

Capítulo 3: O LOFT

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1.1. ORIGENS, DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E ACTUALIDADE

O *loft* nasceu em Nova Iorque, durante os anos 50 do século XX, com os artistas a procurar grandes espaços vazios, para utilizarem como atelier, e a encontrarem os armazéns, onde acabariam por viver, devido à forte ligação com o trabalho e às poucas exigências em termos de espaço doméstico – *The Factory*, de Andy Warhol [Figs 33 e 34] é o grande expoente dos *lofts*, onde se propagandeava «a transformação da vida quotidiana, a busca de uma arte de viver que se confundisse com o próprio trabalho criativo, o abandono da ideia de família como projecto vital»¹²⁵.

Neste caso, pode mesmo dizer-se que “a necessidade faz o engenho”, já que, ao sentirem a necessidade de espaços amplos e vazios para trabalharem as suas obras, os artistas procuraram e encontraram antigos armazéns vazios no centro da cidade que correspondiam ao que queriam, tendo ainda a vantagem de o seu aluguer ser a um preço muito baixo, pois não eram vistos como oportunidade de mercado, mas apenas como o aproveitamento de

¹²⁵ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 123



Figura 35. **Nova Iorque.** O *loft* nasceu pela busca por parte dos artistas de grandes espaços que servissem de atelier e que, posterior e conseqüentemente, também se transformaram em casa.



Figura 36. **Berlim,** onde foi a necessidade de habitação na época do pós-guerra que fez com que o *loft* despoletasse.



Figura 37. **Londres** - uma (vencedora) aposta imobiliária que proporcionou a criação de *lofts*.

edifícios devolutos, e que só a um pequeno grupo de pessoas interessava.

No fundo, tudo nasceu da vontade de ter um espaço “neutro”, onde tudo fosse possível, desde a criação de obras, como simplesmente habitar esse espaço, torná-lo casa. E, realmente, uma tão grande área, como é comum nestes edifícios, sem adornos e isentos de divisórias, é um espaço que se propicia a ser apropriado e utilizado consoante as vontades do habitante.

Hoje em dia, essa motivação passa por três situações: a necessidade, e vontade, de criar uma nova tipologia na habitação, a reconversão, em simultâneo, de edifícios industriais que se encontram ao abandono e o consequente retorno da habitação ao centro da cidade que esta reutilização de edifícios possibilita; da conjugação destas premissas chega-se ao *loft*, uma vez que reúne as três condições – uma nova habitação no centro da cidade, com a mais valia de recuperar edifícios que fazem parte desta mesma cidade e que se mostram capazes de integrar novas funções. Contudo, também já se encontram edifícios de *lofts* construídos de raiz, que nada têm a ver com os originais, a não ser o conceito de alto pé direito e mezzanine, o que se torna num contra-senso, porque se a motivação, nestes, é uma nova tipologia doméstica, dever-se-iam aproveitar os edifícios industriais que se mostrem disponíveis para tal efeito, sendo que aqui, são precisamente os *lofts* provenientes de antigas estruturas industriais, hoje obsoletas, que se pretende abordar e compreender a sua razão de ser e naturais consequências.

Os *lofts* definem-se exactamente pela reconversão de edifícios industriais (armazéns, fábricas, galpões, centrais eléctricas...) em espaços de habitação e/ou local de trabalho, mantendo as características dos edifícios industriais – altíssimos pés direitos, grandes vãos, tubagens à vista. A sua definição provém directamente da sua origem e baseia-se na apropriação: encontra-se um edifício industrial desactivado, com o espaço vazio e passa-se à sua apropriação com o fim que se desejar, mexendo o menos possível, de modo a garantir que mantém as suas características industriais para - além de se criar um novo espaço -, ser também visto como uma reutilização de um edifício que estava destinado ao abandono e onde se encontra «o princípio volumétrico do *loft*: metros cúbicos indeterminados, abertos a uma apropriação criativa»¹²⁶;

¹²⁶ Ibidem, p. 136



Figuras 38 a 43. Estes diversos *lofts* ilustram algumas das principais características destes espaços habitacionais.

como se a definição de *loft* fosse “edifício industrial reciclado”.

Estes *lofts* caracterizam-se, para além das características provenientes dos espaços originários, já referidas, por um «(...) carácter desordenado, não obstante sedutor, do seu imenso espaço (...)»¹²⁷ através da inexistência de paredes divisórias (salvo excepções para instalações sanitárias), logo, (re)criam-se espaços muito amplos, o que lhes propicia uma maior flexibilidade e adaptabilidade ao programa que estiver em causa; surgem também muitas vezes mezzanines, na tentativa de quebrar o alto pé direito, bem como para diferenciar áreas com funções distintas. A total apropriação do espaço industrial vazio permite uma infindável combinação de espaços interiores, ainda que sem paredes a separá-los, seja por intermédio de mobiliário, seja pelas referidas mezzanines. A espontaneidade e a liberdade são características inatas destes *lofts*, devido à sua origem (conceptual e física) e é isto que faz deles espaços invulgares de habitar e/ou trabalhar, num contexto informal, de concepção espaço-temporal, já que ali se privilegia o espaço, na sua dimensão, e o tempo, na sua continuidade.

Enquanto espaços singulares, entre a obra de Le Corbusier e o aparecimento da ideia de *loft*, para além de serem contemporâneos entre si, podem encontrar-se alguns pontos comuns, ainda que apenas conceptualmente.¹²⁸

Le Corbusier, em cada uma das casas que projectou, pôs em prática as características, muito próprias, que considerava importantes para uma habitação que respondesse formal e funcionalmente ao pretendido. Chamou-lhes “máquinas para habitar” exactamente porque deveriam funcionar como uma máquina, que faz aquilo para que está programada, respondendo à questão colocada, e, neste caso, deveria funcionar segundo o programa habitacional. Pode aqui fazer-se uma associação, apenas mediante as palavras utilizadas: “máquina” e “habitar”; também no *loft* se podem associar as duas palavras, já que é uma habitação onde antes estavam máquinas, habita-se

¹²⁷ Ibidem, p. 117

¹²⁸ É curioso ver ligações entre obras de arquitectura “feita por arquitectos” e a arquitectura mais “espontânea”, na medida em que é apropriação de um espaço, e na época em questão, era pura e simplesmente um espaço que era ocupado por quem o “encontrasse”, sem a intervenção de qualquer profissional.



Figuras 44 a 47. “Comparação” entre a arquitectura de **Le Corbusier** e o *loft*.

Na Figura 44, o pé direito duplo e a “promenade architecturale” na *Villa La Roche*.

Na Figura 46, a amplitude espacial da *Villa Savoye*.

onde se trabalhava, um edifício de habitação num edifício industrial. E, acima de tudo, o *loft* é uma “especialização” da espacialidade doméstica, sendo uma nova abordagem tipológica e que tenta, dentro da inovação, manter a noção, e o programa, de casa.

A burguesia de então revia-se na irreverência da classe artística, que habitava o *loft* – que passou a ser «objecto de desejo da elite»¹²⁹-, e desejava também para si espaços diferentes do tradicional, que mostrassem originalidade espacial e, conseqüentemente, mentalidade aberta. Assim, para a burguesia, entenda-se, nas suas casas, o espaço amplo do *loft* “correspondia” ao pé direito duplo utilizado essencialmente no hall de entrada, característica explorada por Le Corbusier em grande parte das suas obras. Esta diferença de pé direito permitia uma maior amplitude espacial e uma interacção visual entre as várias zonas da casa, o que acontece, na totalidade, no *loft*.

Outra característica da obra de Le Corbusier que podemos encontrar, conceptualmente, no *loft* é a “promenade architecturale”, que consistia nisto mesmo, num passeio arquitectural, que permitia ao espectador ir percebendo o espaço, à medida que se movimentava. Nas casas “corbusianas”, isto acontecia maioritariamente a nível vertical, como com a rampa da casa *La Roche* [Figs. 44 e 45], relacionada com o pé direito duplo, onde a pessoa muda de espaço, vendo os outros, ficando com vários pontos de vista do espaço; no *loft*, passa-se mesmo pelos espaços e estes vão-se sucedendo, sem divisões, à medida que se avança, como numa lógica circulatória de sequência.

A associação entre Le Corbusier e o *loft* encontra-se também na própria opinião do arquitecto, não sobre o *loft*, mas sobre os edifícios industriais, a origem do *loft*, sendo que «(...) nos anos de 1910-20, já era possível a um arquitecto como Le Corbusier propagandear a nova arquitectura do novo século com uma leitura poética dos prosaicos e vulgares silos rurais e armazéns da indústria – as formas belas, puras e geométricas, brilhando sob o sol meridional»¹³⁰.

¹²⁹ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 123

¹³⁰ FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e indústria em Portugal no Século XX*. (2003), p. 12

Origem, definição e características são, ciclicamente, causa e consequência do *loft* e do efeito-*loft*; a origem influencia os resultados, bem como estes, posteriormente, remetem à origem. O *loft* é o que/como é, porque assim foi criado, recriado a partir de edifícios industriais devolutos, e que, através do *loft*, (re)encontraram uma nova função, logo, o que define e caracteriza o *loft* é, precisamente, a sua origem.

Contextualmente, o que importa reter é que o *loft* nasceu de uma necessidade sentida pela população e que, a partir daí, se desenvolveu consoante o que lhe era exigido, enquanto espaço onde tudo é possível, seja morar, trabalhar ou festejar, no fundo, viver - viver o *loft* e viver no *loft* -, tendo conseguido ultrapassar «(...) o âmbito “alternativo” para converter-se em uma forma a mais de pensar, projectar e viver do nosso tempo»¹³¹.

Quanto à sua contemporaneidade, interessa conhecer a sua viabilidade na sociedade e na cidade de hoje, pois é a actualidade do *loft* que aqui se pretende abordar e verificar, enquanto «(...) forma de pensar as relações entre público e privado e, através delas, o âmbito mesmo da cidade»¹³². Importa perceber se o *loft* é capaz de sobreviver nos dias de hoje, se a sociedade se interessa pelo *loft*, se a cidade consegue receber o *loft*, se o *loft* tem algo para oferecer à cidade e se o arquitecto tem algum papel de relevo, enquanto (re)criador do *loft*.

No *loft*, enquanto conceito que permite permanências, físicas e memoriais, na cidade, tornando-a num ser que se regenera a partir do que tem, adequando-se às várias épocas que atravessa, levanta-se também a questão da sustentabilidade, uma vez que com o *loft* se propicia um desenvolvimento mais sustentável da cidade, seja social, económica, ou culturalmente. Veja-se o *loft* como mais uma opção a ter em conta quando se pensar em reconverter um edifício industrial; não será a escolha sempre mais adequada, mas poderá ser em muitos casos. Assim, e na medida em que o *loft* une passado e futuro, pensa-se que seja adequado ao presente, já que é capaz de resolver algumas questões presentes na sociedade, na arquitectura e na cidade contemporâneas.

¹³¹ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida; visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 116

¹³² *Ibidem*, pág. 10

3.1.2. RECONVERSÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS VERSUS MODO DE HABITAR

No *loft*, está-se perante a conjugação de duas realidades totalmente distintas, em forma, em linguagem, em função e em escala, como são a indústria e a habitação, sendo, por isso, necessário descontextualizá-las do seu ambiente habitual para uma melhor integração e convivência comum. O industrial dever-se-á cingir à forma e à envolvente, abstraindo-se da nova função que o vai ocupar; já a habitação ditará todo o contexto doméstico, tendo que ser capaz de exercer em pleno o seu papel de casa, independentemente do local, anteriormente de cariz industrial, onde se situa, sendo que, segundo o arquitecto Nicola di Battista, «na cidade, as diferentes arquitecturas diluem-se mesmo quando uma delas se destaca. No final é sempre o conjunto que conta»¹³³.

É, então, fundamental, encontrar um ponto de equilíbrio nesta situação, sem desmerecer o passado (o edifício industrial), respeitando-o, e fazer da introdução de novos elementos definidores da actual identidade (a habitação) uma mais valia para o conjunto que assim se cria, tornando-o numa nova individualidade. Assim, da junção, e conjugação, destas duas realidades nasce um espaço único, onde a relação forma-função já não se cumpre e onde as «consequências físicas desta necessidade de transformação são os edifícios entendidos como contentores flexíveis e disponíveis para serem ocupados para diferentes funções»¹³⁴, em que a presença industrial dá origem a um ambiente doméstico singular, dando lugar a uma (não duas, distintas) nova realidade: o *loft*.

Para além de ser o resultado final da reconversão de um edifício industrial em habitação, o *loft* trouxe consigo o “loft living” (ou “loft lifestyle”), um novo modo de habitar e um estilo de vida, sendo que «o “loft lifestyle” – também entendido apenas como uma escolha habitacional – não tenha ainda

¹³³ BATTISTA, Nicola di, “A lição do passado”, in CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima - *Construir no tempo*. (1999), p. 13

¹³⁴ MILANO, Maria, “Introdução”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 14

encontrado uma definição precisa»¹³⁵. Originalmente, um modo de habitar boémio, característico dos artistas, num livre espírito de vida; actualmente, mais visto como um modo de vida de luxo, diferente, moderno.

O *loft* é o produto de uma reconversão de um edifício industrial quase que “por acaso”, pois aquando da sua apropriação por parte dos artistas dos anos 50 do século XX, apenas se pretendia que fosse um espaço que tivesse capacidade para albergar as suas obras, bem como possibilidade de se poder lá morar. E o “loft living” foi algo intuitivo que teve origem precisamente na mesma situação – com os artistas e com o seu modo de vida, dito informal e despretensioso. Neste contexto de reconversão e de estilo de vida «não era previsível que se pudesse difundir um modo de habitar tão particular. Difícil depois destringar a confusão entre casa e trabalho, entre atelier e galeria de arte, entre público e privado e assim sucessivamente. O mesmo vale para a inédita co-presença de elementos high-tech com resíduos de uma época industrial passada»¹³⁶.

Esta dicotomia inerente ao *loft*, onde co-habitam diversas noções de passado e presente, bem como diferentes áreas da vida de cada um (âmbito familiar e âmbito profissional), onde se misturam, inevitavelmente, público e privado, é o que faz com que este “loft living” seja tão difícil de definir, pois é, em suma, um estilo de vida muito peculiar.

O *loft* consegue, assim, responder a dois grupos, muitas vezes comuns, da sociedade actual: aqueles que defendem a recuperação do património, industrial no caso destes edifícios, para programas que façam com que as pessoas habitem, literal e conceptualmente, (n)os edifícios antigos, de modo a poder prolongá-los no tempo, não só com funcionalidades esporádicas e efémeras; e as pessoas que procuram ter um modo de vida diferente das outras, pela individualidade que querem sentir e mostrar, modo de vida este representado pela habitação diferente que o *loft* caracteriza.

Como já foi referido, estes dois grupos podem unificar-se, quando, em simultâneo, há o apoio pela defesa do património e pela sua transposição para

¹³⁵ NICOLIN, Pierluigi, “I *loft* americani”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66; tradução da autora

¹³⁶ Ibidem

a vida diária e também a vontade de viver numa casa única, não igual a todas as outras, dando à Arquitectura o desafio de responder a esta questão, procurando sempre novas estruturas domésticas, pensadas para cada pessoa e, neste caso, com base em edifícios já existentes; pode dizer-se que o *loft* reflecte «(...) a relação entre os modos de viver, as diversas correntes do pensamento contemporâneo, e as formas da casa: de projectá-la e habitá-la»¹³⁷.

O *loft* consegue, através da reconversão de edifícios industriais dar uma nova vida a este tipo de edifícios que têm visto, desde há algum tempo e cada vez mais, o seu futuro próximo muito condicionado, pois os destinos mais frequentes – museus, centros de conferências e de exposições, ou mesmo a sua demolição – começam a esgotar-se. Assim sendo, o *loft* surge como uma nova oportunidade para alguns destes edifícios; como já foi referido, não se pretende que todos os edifícios industriais sejam agora objecto de projectos de reconversão, mas apenas aqueles que sigam alguns critérios, como qualidades arquitectónicas e relações memoriais com a cidade e a respectiva população.

Todo o fenómeno *loft* nasceu de uma atitude espontânea de um grupo de pessoas e a partir daí várias concepções foram tecidas, positivamente, com base nesta situação: (re)aproveitamento de edifícios industriais que estejam em determinadas condições e o modo de vida que daí adveio; estas noções estão hoje mais “requintadas”, pois também é agora que se mostra mais premente pensar neste tipo de capacidades do *loft*, a de, reforçando, reutilizar os antigos edifícios industriais que estão actualmente ao abandono, logo, com a mais valia de salvaguarda do património, adaptando-o à contemporaneidade, e a de propiciar um modo de habitar a casa em que se vive em muitos aspectos diferente do que se pode ter quando se mora numa casa tida como tradicional.

Partindo da ideia de que «a Habitação é um produto funcional e cultural que reproduz relações, fenomenologias e efeitos típicos do tecido social que a gera»¹³⁸, percebe-se o porquê de o *loft*, enquanto tipologia habitacional, estar intimamente relacionado com o tipo de pessoas que o procuram para morar, pois têm um estilo de vida diferente do, supostamente, convencional. Foi, e é, a

¹³⁷ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 8

¹³⁸ MILANO, Maria, “Introdução”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 13

sociedade e o seu modo de vida e de habitar o espaço que fomentam a existência do *loft*, na medida em que havendo cada vez mais pessoas diferentes umas das outras, alheias a estereótipos e a ideias fixas – tal como o *loft* -, isso se reflecte na procura da habitação, “escolhida a dedo” por quem quer um espaço seu, único e de acordo com a sua maneira de estar na vida, uma vez que «o conceito *loft* atrai pela promessa de liberdade que oferece, tanto no desenho da casa como na forma de a viver»¹³⁹.

A ideologia deste novo modo de habitar, o “loft living” tem como base um estilo de vida urbano e moderno, característico das grandes metrópoles da actualidade, apesar de ser essencialmente uma questão individual e não um fenómeno de massas, pois é uma tipologia de habitação que não se adequa a todo o tipo de pessoas. Os actuais modos de vida, cada vez menos permanentes exigem, conseqüentemente, um espaço que evolua com o dia-a-dia de cada um, originando uma maneira de habitar de carácter progressivamente mais experimental e flexível, reflectindo igualmente características conceptuais, formais e funcionais do *loft*, adaptáveis a um sem-número de situações e é isso que agrada aos adeptos do “loft living” - a possibilidade de mudança constante do lugar que habitam, a que corresponde o acelerado ritmo de vida. Assim, «o loft torna-se na imagem ou no espelho do modo de “pensar” e “mostrar” a própria criatividade em sentido pessoal e social»¹⁴⁰.

¹³⁹ «20 CASAS – LOFTS». 2009, nº 8, p. 3; tradução da autora

¹⁴⁰ CELANT, Germano, “SoHo art lofts”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 7; tradução da autora

3.2. PÚBLICO-ALVO DO LOFT

Sem qualquer pretensão sociológica, importa aos arquitectos conhecer a sociedade para a qual projectam, logo, neste caso, interessa perceber qual o público-alvo dos *lofts*, que tipo de pessoas se identifica com esta habitação e quem pretende viver nela, se é que se pode estabelecer assim uma personagem que represente um grupo com características semelhantes que o façam servir de amostra para o conhecimento da tal, suposta, identidade do habitante do *loft*, tendo a noção que «(...) a identidade dum habitante é multiforme e articulada»¹⁴¹.

Interessa perceber qual a população-alvo e a sua respectiva identidade profissional e cultural. Será que quem hoje procura um *loft* para viver, não esquecendo que são espaços também passíveis de funcionarem como local de trabalho, se revê nos ideais dos artistas do século passado que iniciaram este tipo de habitação? Em paralelo ao “loft living”, «existe uma adesão ao sentido de aventura ou ao ambiente dos artistas que ainda são associados aos ex-quarteirões industriais»¹⁴² que faz com que algumas pessoas se mostrem interessadas no *loft* como um tipo de habitação ao qual está inerente um determinado modo de vida.

Realmente, quem hoje procura um *loft* procura mais do que uma simples casa; procura um espaço invulgar e “especial” no qual possa morar e/ou trabalhar, e onde seja possível a transformação de um espaço descaracterizado num espaço pessoal; segundo a socióloga Sharon Zukin, «muita gente escolhe viver num *loft* porque acha este tipo de espaço interessante: agrada-lhes as dimensões gigantescas e o carácter “em bruto”, não acabado do *loft*. (...) Estabelecer porque estas pessoas desejam habitar num *loft* significa levantar questões que vão muito além da lei da procura e da

¹⁴¹ DEGANELLO, Paolo, “Do Existenz Minimum, à casa radical, dos New Clusters às favelas, aos homeless, à cidade transcultural... A casa como um vestido”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 41

¹⁴² ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

oferta»¹⁴³. O espelho em relação aos artistas dos anos 50 do século XX reflecte a vontade de viver num espaço diferente, único, no qual se viva informalmente, sem as condicionantes das tradicionais casas, com as habituais divisões, tirando partido dos «(...) valores espaciais, materiais e objectuais do *loft*, o uso do galpão sem atributos como um envolvente simples e generoso, a improvisação programática (...)»¹⁴⁴.

No início, o seu ocupante-tipo era o artista que, à procura de um espaço para atelier, encontrou um que era, simultaneamente, casa. Aqui, mais do que uma vontade do artista em viver num espaço amplo, sem divisórias, proveniente de um edifício industrial desactivado (o conceito de *loft* ainda nem existia, nasceu posterior e conseqüentemente), foi a possibilidade que lhe surgiu, com a conjugação entre espaço de trabalho e espaço de habitação. Hoje em dia, presumivelmente, a grande parte dos artistas vive em casas, ditas, tradicionais, com atelier em local distinto. Inversamente ao original, os artistas actuais não são, provavelmente, quem mais procura o *loft* para habitar/trabalhar, não se podendo generalizar esta classe profissional como a representativa do habitante contemporâneo do *loft*.

Hoje, a caracterização deste habitante, se é que se pode fazê-la, é muito mais complexa, na medida em que quem quer/pode viver num *loft* é um grupo muito mais diversificado do que só a classe artística. A opção do *loft* como casa pode ser entendida não só como um desejo, mas também com uma (im)possibilidade, isto é, mais do que querer viver num *loft*, tem que se poder viver num *loft*, seja pela (falta de) disponibilidade deste tipo de habitação, seja pelos altos preços que estes adquirem no mercado habitacional.

Mais do que um habitante-tipo que personifique quem procura o *loft* para viver, é possível distinguir diversos grupos, com características comuns, mas algumas também distintas e específicas de cada um, dependendo «da identidade cultural e da história de quem habita»¹⁴⁵ este espaço. Assim sendo, tem-se até uma maior panóplia de opções de destinatários, não sendo

¹⁴³ Ibidem

¹⁴⁴ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 136

¹⁴⁵ DEGANELLO, Paolo, “Do Existenz Minimum, à casa radical, dos New Clusters às favelas, aos homeless, à cidade transcultural... A casa como um vestido”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 34

necessário que o *loft* se destine apenas a um certo tipo de pessoas, como acontecia na sua origem, mas que rapidamente também se foi alargando, pois a população sempre se mostrou interessada neste tipo de habitação, sendo que «nos últimos trinta anos, de facto, não só mudaram os *lofts*, mas também os standards culturais e estéticos»¹⁴⁶, logo, um maior número de pessoas se abrange nestes valores sociais, reflectidos no *loft*.

Actualmente, «há uma imensa procura de habitações por parte essencialmente de jovens da classe média (...) e não há oferta»¹⁴⁷ e, mais do que uma casa, as pessoas procuram “a sua casa”, uma casa com que se identifiquem e, sobretudo, a faixa etária mais jovem identifica-se com o conceito de *loft*; como afirma o arquitecto Pierluigi Nicolin «Se perguntarmos a jovens de 25 até 35-40 anos: “O que é que tu pretendes?” responderiam: “um espaço vazio onde haja só água, luz e gás e eu vou tratar do resto”»¹⁴⁸.

Seja porque é uma casa no centro da cidade, seja porque tem características diferentes das casas comuns, seja porque provém de um edifício do passado - sendo que esta noção de salvaguarda do património se encontra hoje muito presente nas ideologias da população, essencialmente na geração referida, a nível de arquitectura, mas também de costumes, numa tentativa de manter a identidade numa época de globalização em todos os campos da vida contemporânea, apesar de, mesmo mantendo o que é típico, se tenta sempre inovar, em vários campos do dia-a-dia (arquitectura, “artesanato urbano”, gastronomia) -, o *loft* encontra adeptos dispostos a vivê-lo.

Profissionalmente, já não são apenas procurados pela classe artística, mas por pessoas de qualquer profissão, mantendo desta o lado criativo, já que «a criatividade empregada no habitar é máxima, pois todas as opções são possíveis»¹⁴⁹. Antigamente, esta seria uma das poucas profissões em que era possível trabalhar em casa, reunindo vida pessoal e vida profissional no

¹⁴⁶ ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

¹⁴⁷ Arlindo Cunha, Presidente SRU – Porto Vivo, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=1-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11641>)

¹⁴⁸ NICOLIN, Pierluigi, “Urban Housing”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 52

¹⁴⁹ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida – visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 127

mesmo espaço. Hoje, devido à multiplicidade de profissões que permitem trabalhar em casa e, principalmente, devido às novas tecnologias que põem o mundo à distância de um “clic”, já um maior número de pessoas se pode dar a esse “luxo” de ter a habitação e o escritório num mesmo espaço físico, o tão publicitado “trabalhar sem sair de casa”. Ora, o *loft*, devido às suas características de grande área e flexibilidade é a habitação que possibilita, por excelência, este tipo de relação casa-local de trabalho, visto que se adapta a ter vários programas num mesmo espaço, proporcionando grande permeabilidade de funções.

Também a família, como a conhecemos hoje, pode ser um ponto de partida para o entendimento da escolha por este tipo de habitação. As famílias são cada vez mais pequenas e mantêm uma relação mais, diga-se, informal, podendo todos habitar o mesmo espaço, sem necessidade de hierarquias, pois «mudam-se os hábitos familiares, os comportamentos e os papéis dos indivíduos dentro da esfera doméstica»¹⁵⁰. Basta recuarmos no tempo, ainda antes das casas burguesas, em que havia quartos destinados a cada membro da família – pais, filhos, alguma família mais alargada e, inclusivé, criados -, em que as famílias viviam todas na mesma divisão, partilhando tudo; pode quase dizer-se que o *loft* é o regresso a essa casa “global”, mas com condições que não havia nessa altura, físicas, de higiene, sem promiscuidade, até porque mesmo a mentalidade das pessoas de hoje é diferente das de então, havendo hoje protecção da privacidade de cada um, ainda que se habite num espaço maioritariamente comum, sendo que «nos *lofts* encontramos todos os elementos da casa tradicional, mas como fragmentos, como traços livremente dispostos e continuamente capazes de produzir novos significados»¹⁵¹.

Uma vez que o *loft* é um espaço amplo, aberto e sem divisórias de separação entre as várias funcionalidades de uma habitação não se pensa ser possível adequar-se à co-habitação de várias pessoas, como o agregado familiar tradicional, de casal com filhos. Já que a família, enquanto instituição, se encontra em mudança, o *loft* pode ser uma habitação contemporânea,

¹⁵⁰ DOMINGUES, Álvaro, “Habitar o território – uma visão geográfica”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 94

¹⁵¹ NICOLIN, Pierluigi, “I loft americani”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66; tradução da autora

seguindo os acontecimentos sociológicos dos agrupamentos familiares, hoje constituídos por, muitas vezes, apenas uma ou duas pessoas; logo aqui, se depreende que, como confirma Sharon Zukin, «os *lofts* são predominantemente casas para pessoas solteiras ou para casais sem filhos»¹⁵².

No entanto, uma vez que o *loft* é, por tudo o que já foi mencionado, considerado uma habitação de luxo, criou-se um nicho de mercado que fez disparar os preços, tornando estas habitações possíveis apenas para as classes sociais mais elevadas, subvertendo a origem, em que estes espaços eram alugados a baixo preço, por serem aproveitamentos de edifícios vazios e sem destino futuro. Esta situação faz com que não seja, ainda, uma hipótese pensada em primeiro lugar quando se trata de refuncionalizar estes edifícios, por haver a possibilidade de não se tornar rentável, por falta de utilizadores que possam comprar este tipo de casa. Então, interessa «responder decisivamente às aspirações das novas populações urbanas de cariz mais cosmopolita. Só assim será possível criar uma verdadeira relação entre reabilitação urbana e mercado imobiliário, sem a qual nenhuma cidade se poderá verdadeiramente revivificar»¹⁵³, visto que, como já referido, é a partir das pessoas, logo, da habitação, que a cidade ganha vida.

Talvez se deva «estimular o arrendamento, para devolver a população às cidades»¹⁵⁴; então, para além da venda de *lofts*, o mercado de aluguer poderá ser também um campo a explorar, na medida em que o *loft* pode funcionar como uma habitação “temporária”, para pessoas que vivem sozinhas – pré-casamento e formação de família, ou pós-divórcio - e para pessoas que se encontrem deslocadas da sua cidade de origem, já que, cada vez mais, «aumentam as situações do habitat instável, consoante a idade, o sexo, a carreira profissional, a reforma»¹⁵⁵. O arrendamento permitirá igualmente uma maior abrangência de público, visto que os preços diminuirão, o que facilitará o

¹⁵² ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

¹⁵³ GRANDE, Nuno - *Arquitectura & não*. (2005), p.24

¹⁵⁴ Luís Menezes Leitão, Presidente da Associação Lisbonense de Proprietários, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=1-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11641>)

¹⁵⁵ In DOMINGUES, Álvaro, “Habitar o território – uma visão geográfica”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 94

acesso a muitas pessoas que gostariam de viver num *loft*, mas para as quais o preço de venda é demasiado alto. Existirem *lofts* apenas para venda/compra favorece o, dito, elitismo do *loft*, tornando-o disponível só para classes sociais mais elevadas; o aluguer poderá, hipoteticamente, “banalizar” o *loft*, no sentido de o tornar numa casa “igual” às outras, uma vez que o tornará em mais uma opção aquando da procura de casa e mais facilmente acessível financeiramente a um maior número de pessoas, tornando-se, conseqüentemente, mais rentável, pois, quanto maior for a oferta, maior será a procura, e vice-versa; logo, havendo um maior estímulo, será, futuramente, mais tido em conta como opção na reconversão de edifícios industriais.

Importa, assim, ter a noção que existe «um segmento de clientela com enorme potencial e que neste momento percebe a importância de voltar a viver num centro culturalmente revivificado – jovens quadros, profissionais liberais, artistas ou arquitectos que procuram combinar os espaços de habitar e trabalhar»¹⁵⁶, como o *loft*. A partir daqui, dever-se-á pensar que há quem queira viver num *loft*, logo, pode pensar-se em investir (cultural, arquitectónica e financeiramente) neste tipo de habitação, pois haverá, certamente, quem nele pretenda habitar.

¹⁵⁶ GRANDE, Nuno - *Arquitectura & não*. (2005), p.24



Figuras 48 e 49. Nestes dois *lofts* é visível a fluidez entre zona de habitação e zona de trabalho, sem qualquer separação fixa, apenas elementos divisórios, favorecendo a (in)existência de fronteira entre âmbito público e âmbito privado deste tipo de habitação.

3.3. FRONTEIRA ENTRE PÚBLICO E PRIVADO

O *loft*, enquanto habitação aberta, ampla, sem divisões, é, como nenhuma outra, uma casa permeável e “extrovertida”, virada para o mundo exterior, no sentido em que se mostra perante tudo e todos, sem qualquer hipótese de recolhimento e introspecção. Ao ser, muitas vezes, casa e local de trabalho, o *loft* tem necessariamente que gerir o lado privado e o lado público da vida do seu habitante; a casa, local de recolhimento pessoal e/ou familiar corresponde ao privado; o local de trabalho, ao relacionar-se com o meio exterior representa a vertente pública, sendo muitas vezes aberto, literalmente, a pessoas do exterior.

Sendo este um espaço neutro, possibilita ao ocupante a sua apropriação consoante as suas necessidades, seja uma maior área destinada à “zona-casa”, seja a “zona-escritório” a maior, independentemente de não haver separações físicas e permanentes; logo aqui se vê a grande versatilidade do *loft*, que permite adequar o espaço aos programas pretendidos, pelo tempo necessário, mostrando o «”utente” que cada vez menos “habita” os espaços, mas usa-os numa condição de mobilidade sem precedentes»¹⁵⁷, o que permite a constante alteração de funções num mesmo espaço. A linha que separa esfera privada de esfera pública é, por isso, muito ténue. É quase impossível dissociá-las, visto ambas partilharem o mesmo espaço físico, ainda que com valências distintas. Se alguém entra em casa, ou no escritório, «e embora a casa seja um espaço privado»¹⁵⁸, está, automaticamente, a “invadir” as duas componentes, pois «a superfície aberta do *loft* fá-la um espaço público»¹⁵⁹.

Esta abertura, mais do que ultrapassar o âmbito privado, pode chegar a furar a intimidade que se associa à casa de cada um; por outro lado, cria-se maior intimidade com os que vêm de fora, já que vêm toda a casa, e também maior intimidade entre os membros da família, pois estão todos a ocupar,

¹⁵⁷ MILANO, Maria, “A cultura de habitar em Portugal”, in MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 32

¹⁵⁸ ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

¹⁵⁹ *Ibidem*



Figura 50. **The Factory** – ilustração do ambiente que se vivia nas festas, no mesmo espaço que o artista habitava e onde também trabalhava.

permanentemente, o mesmo espaço, numa «exposição enfática da intimidade»¹⁶⁰. Para a socióloga Sharon Zukin, «a escolha de morar num *loft* reflecte uma personalidade com uma constante necessidade de “outro espaço” para afirmar a própria individualidade. Viver num *loft* é um pouco como morar numa montra. Na maior parte destes espaços, de facto, entra-se directamente do elevador, devido à própria estrutura de muitos edifícios industriais. Deste modo, os hóspedes, entram directamente em casa, o que contrasta com a passagem entre “fora” e “dentro”, entre espaço público e espaço privado da casa comum»¹⁶¹, anulando assim a separação entre vida privada e vida pública, seja no âmbito profissional, ou no âmbito social. Quem acede ao “hall” do *loft*, entra no *loft* em si, como se de um cenário se tratasse, com todas as funcionalidades domésticas “à disposição”.

Já em *The Factory* [Fig. 50] se denotava este “tudo em um” possível do/no *loft*. Aqui, Andy Warhol morava, trabalhava e socializava, sem qualquer separação física, num «lugar que se institui como uma casa aberta, intensamente frequentada, um lugar ao mesmo tempo da festa e do trabalho (...), que nega a si mesmo a exclusão, a marginalização»¹⁶²; mesmo sendo, maioritariamente, uma casa para pessoas sozinhas, há a possibilidade de estar sempre com várias pessoas no mesmo espaço – uma habitação para alguém que mora sozinho, não para alguém, necessariamente, solitário.

Esta situação torna-se possível numa habitação, porque «as condições sociais e estruturas que levaram ao desenvolvimento da casa privada – privacidade, a separação entre vida e trabalho, a família, domesticidade – mudaram drasticamente»¹⁶³ e, como se viu anteriormente, este tipo de habitação destina-se e adequa-se a um certo grupo de pessoas com determinadas características. Esta coordenação entre público e privado estabelece o leque do habitante-tipo, mas, ao mesmo tempo, «a construção de um novo sujeito depende de transformações profundas no espaço privado e no

¹⁶⁰ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 134

¹⁶¹ ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

¹⁶² ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 117

¹⁶³ RILEY, Terence - *The Un-Private House*. (1999), p. 10; tradução da autora

espaço público, bem como nas relações e nos vínculos entre ambos»¹⁶⁴.

No *loft*, a habitação actual retoma «a noção de reintegração das dualidades que caracterizaram a habitação desde o século XIX: público e privado, masculino e feminino, acção e repouso»¹⁶⁵, pois, como referido previamente, está-se a voltar a querer/poder/conseguir morar e trabalhar no mesmo local, recriando a situação familiar de tempos passados, apesar de noutras condições – sem filhos, com maior independência pessoal e melhores condições físicas – e, assim, «pode esperar-se que as nítidas distinções com as tipologias arquitectónicas tradicionais se continuem a tornar menos definitivas»¹⁶⁶, permitindo, cada vez mais, a possibilidade de criar diversos tipos de habitações, podendo o arquitecto ser mais criativo e interventivo, no sentido de tomar novas opções e de as mostrar ao público contemporâneo, uma vez que «a definição cultural de habitação está sob grande mudança, numa transformação que, em si, pode gerar uma significativa invenção arquitectónica»¹⁶⁷.

Até em termos físicos, de dimensão, se verifica esta mistura público-privado no *loft*; aqui, tem-se a amplitude dos espaços públicos, por norma, desafogados, mas, simultaneamente, encontra-se o acolhimento da privacidade de uma habitação. Mesmo em termos urbanos, fundem-se aqui a ampla espacialidade do *loft* com a dimensão, habitualmente, reduzida dos quarteirões da cidade mais antiga onde estes edifícios se localizam – a primeira a remeter para a extensão de um espaço aberto e público, a segunda a indicar uma diminuição de escala que aponta para um âmbito mais privado e habitacional, até porque o *loft* se situa, em princípio, no centro urbano, apropriando-se da cidade, num «exemplo prático de apropriação de uma porção da cidade abandonada e alterada por práticas quotidianas que se estendem do âmbito privado»¹⁶⁸, e vice-versa, já que o *loft* também integra alguns aspectos da vida pública das ruas da cidade, como a socialização inter-pessoal. Aqui, encontram-se, igualmente, a sociedade moderna, mais aberta e

¹⁶⁴ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 121

¹⁶⁵ RILEY, Terence - *The Un-Private House*. (1999), p. 23; tradução da autora

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 25

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 36

¹⁶⁸ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 131

exposta, com a cidade antiga, mais recatada e valorizadora da privacidade individual.

Esta dicotomia público-privado pode tomar várias direcções e assumir diversas noções quando aplicada ao contexto do *loft*, não fosse esta uma habitação que permite as mais diferentes interpretações – conceptuais, formais, funcionais e urbanas. Interessa perceber «essa duplicidade que nos assinala os limites desta modalidade doméstica, ao mesmo tempo que amplia as nossas expectativas»¹⁶⁹, sendo que «se trata de entender até que ponto a privacidade é paradoxal, contraditória, misteriosa, até que ponto seria possível um projecto, uma forma de pensar a casa, que retirasse a sua energia de semelhante reflexão, que lançasse longe o que de deliberador há nesta tradição doméstica do século XX»¹⁷⁰, podendo a resposta estar, abertamente, no *loft*.

O *loft*, ao ser uma casa “open space”, sem as comuns paredes divisórias que separam as diversas divisões domésticas, representa, assim, espaço privado e espaço público dentro de uma mesma área fechada, mostrando que «a casa privada se tornou numa estrutura permeável»¹⁷¹, aqui através de uma total fluidez transparente, conceptual, formal e funcionalmente, onde a fronteira entre privado e público, se existe, é muito ténue e permite que o conceito de *loft* se lhe sobreponha sem qualquer indício de desvalorização do habitante e da habitação.

¹⁶⁹ ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 137

¹⁷⁰ Ibidem

¹⁷¹ RILEY, Terence - *The Un-Private House*. (1999), p. 11; tradução da autora

3.4. ESTRATÉGIA: HIPÓTESE DE RECONVERSÃO E HABITAÇÃO

A habitação é, por excelência, o programa da cidade, é onde a população vive. E é onde se vive que se quer preservar, logo, poderá a habitação voltar ao centro para lhe devolver a vida? Assim, quer-se aqui reflectir sobre qual o papel destas novas habitações e o seu enquadramento na requalificação das nossas cidades. O *loft* pode ser entendido, estrategicamente, como mais uma hipótese de reconversão de edifícios industriais, ainda com a vantagem de ser habitação, enquanto benefício para a requalificação urbana do centro das cidades.

No meio de tantos programas possíveis para estes edifícios, é de destacar que o da habitação é aquele que mais consequências directas tem na vida da população, assim como também na qualidade programática das áreas urbanas centrais. O *loft* pode funcionar como (novo) pólo dinamizador da cidade, uma vez que vai transportar novas funções para edifícios obsoletos e, conseqüentemente, áreas urbanas, que estão desprovidos dos seus programas originais.

As duas funções que original e maioritariamente se prendem ao *loft* são a habitação e/ou o local de trabalho, logo, programas que fomentam a presença e a movimentação de pessoas, trazendo uma nova afluência de população às actuais zonas urbanas em crise, contudo, centrais, onde se situam os antigos edifícios industriais de que o *loft* se apropria. A oferta que o *loft* faz à cidade é precisamente essa: revivificar zonas centrais que estão actualmente em queda, física, funcional, urbana e emocionalmente, a partir das funcionalidades que propicia nestes edifícios “novos”, mas de presença já fundada na cidade.

Numa cidade é também importante que haja complexos culturais, comerciais e de escritórios, mas esses apenas revivificam a cidade em períodos de tempo e em espaços limitados, enquanto que com a habitação a consolidação da zona se faz mais vincadamente, uma vez que «o habitante do *loft* vive no centro da cidade, apropria-se dele, porque esta posição lhe dá tudo o que ele deseja, é o centro do cosmos existencial»¹⁷², no sentido em que é no

¹⁷² ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida – visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 131

centro da cidade que “a cidade se faz” e é aqui que o habitante pode trazer movimento à cidade, na sua área de residência. Uma vez que «as cidades só valem pela capacidade que têm de atrair pessoas»¹⁷³, tem que se encontrar novas hipóteses de habitação para o centro urbano, pois «se elas não conseguirem criar condições para as pessoas mais jovens se fixarem, continuamos a obrigar as pessoas a viver fora das cidades»¹⁷⁴ e, cada vez mais, não é isso que se pretende, mas exactamente o contrário – trazer pessoas para morarem na cidade.

«A revalorização dos velhos edifícios industriais reflecte também um interesse mais profundo pelo espaço e pelo tempo. A sensação que a grande era industrial tenha acabado envolve máquinas e fábricas do passado numa aura de melancolia. Decerto, sentimentos similares podem nascer no fim de uma época ou quando se verifica a perda de funções»¹⁷⁵, sendo que esta própria sensação de melancolia, até talvez nostalgia, se verifica com os edifícios industriais desactivados e também com a actual ausência de habitação nos centros urbanos. Como diz a socióloga, é quando se sente o fim de alguma situação que a percepção da sua falta se faz sentir, sendo, por isso, importante, inverter este sentido, dando uma nova vida a edifícios que tenham capacidade para um novo ciclo, com funções que se adequem à época actual, recuperando igualmente a envolvente urbana onde se localizam.

Um interesse actual é a procura de novos tipos de habitação, que permitam agradar a um maior número de pessoas e na tentativa de fugir à sistematização da arquitectura doméstica, a qual sempre evoluiu de acordo com o tempo. Também o afastamento da habitação do centro da cidade é um problema na sobrevivência urbana, havendo tentativas de inverter este processo, trazendo, de novo, as pessoas para viverem (n) o centro.

Segundo a arquitecta Maria Milano, «a necessidade de uma reflexão sobre o tema do habitar vem da constatação que a sua evolução está a chegar

¹⁷³ Fernando Santo, Bastonário da Ordem dos Engenheiros, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=1-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11641>)

¹⁷⁴ Ibidem

¹⁷⁵ ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I loft americani». 1990, nº 66, p. 17; tradução da autora

a uma fase de viragem, resultado das grandes transformações do habitar (...). De facto, a fluidez das relações e a organização dos ambientes físicos à nossa volta estão a mudar as nossas formas de entender a relação espaço/temporal, tornando assim os espaços e os objectos cada vez mais “performativos” e relacionais, não atendendo apenas à questão funcional, mas também à necessidade de comunicação e relação com o indivíduo»¹⁷⁶. Assim, se por um lado surge a reabilitação como uma questão premente, por outro, carece-se de inovação na criação de habitações, em zonas urbanas centrais, que dinamizem e tornem mais interessante a variedade de tipologias habitacionais que (não) se disponibilizam à população, também esta cada vez mais heterogénea e mais exigente quando se trata de escolher uma casa.

Neste momento, a importância está na requalificação da cidade, essencialmente nos centros, visto que esta se encontra em declínio, conceptual, física e urbanisticamente. Assim, é preciso recorrer a estratégias que permitam ultrapassar esta situação de impasse; começar por perceber se os edifícios que existem estão capazes de receber novos programas pode ser um caminho, e, no caso dos industriais, o *loft* pode ser o destino. No século passado e ainda hoje, noutras cidades do mundo, é uma tipologia que funciona, e vendo «esse recentrar como uma estratégia virada para a preservação do património de uma forma viva e de uma forma sustentável, que é absolutamente essencial»¹⁷⁷, o *loft* pode ser essa estratégia, pois resulta da reutilização do património industrial e é habitação, a forma mais profunda de revivificar o centro urbano.

Tudo parte de um conceito: o de encontrar um edifício industrial abandonado e, apropriando-se dele, torná-lo numa casa (ou local de trabalho). A ideia é simples, tudo o que provém dela é que pode complicar a sua aplicação. Fazendo a analogia com a extensa e multifacetada obra de Marcel Duchamp, cujo principal legado é o conceito de “ready-made” que consistia em transpôr objectos do quotidiano, geralmente da produção em massa, para o

¹⁷⁶ MILANO, Maria, “Introdução”, MILANO, Maria, coord. - *Do habitar*. (2005), p. 13

¹⁷⁷ António Nogueira Leite, economista, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=2-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11642>)



Figuras 51 e 52. Um urinol no seu contexto habitual e ***The Fountain*** (*A Fonte*) de Marcel Duchamp; basta uma alteração na posição e no contexto para o objecto ganhar todo um novo significado. Tal como no *loft*, em que um edifício industrial devoluto é “encontrado” e transposto para um novo contexto: o da habitação.

contexto artístico, tornando-os arte. O próprio “ready-made” é um tipo de “objet trouvé”, outra noção da arte conceptual, mas, enquanto o “ready-made” é um qualquer objecto, o “objet trouvé” já pressupõe uma ideia estética e de gosto na selecção dos objectos. Também o *loft* é um conceito e pode ser um “ready-made”, na medida em que já existia, mas num contexto diferente, e provém precisamente da origem da produção em massa: os edifícios industriais; igualmente, encaixa-se na ideia de “objet trouvé” se se considerar que foi “encontrado” e que continha qualidades estéticas, as da sua génese: mais uma vez, os edifícios industriais.

Duchamp fazia destes objectos entidades desmaterializadas e materializadas, simultaneamente: desmaterializadas, porque perdiam a sua identidade original, mas no entanto, eram materializadas com um novo significado; por exemplo *The Fountain (A Fonte)*, que era primordialmente um urinol, perde esse significado e adquire o de fonte, apenas pela transposição de contexto. [Figs 51 e 52] Neste sentido, também o *loft* se desmaterializa, deixando de ser um edifício industrial (de produção, ou armazenamento), mas materializando-se novamente quando se torna uma habitação (e / ou local de trabalho), mantendo o mesmo “objecto”, mas dando-lhe uma nova vida, um novo sentido. O mesmo objecto em tempos diferentes não é o mesmo, depende do que se pretende fazer dele e consoante os contextos em que se encontra, se o seu “tempo de vida” original já terminou e se se quer atribuir-lhe um novo ciclo, formal e funcionalmente.

Segundo o artista, «o espectador faz a obra», na medida em que a obra se faz para além dela, ao ser vista e relacionada com outras obras e outros conceitos; o artista cria a obra e apresenta-a ao espectador que a “lê”. Aqui, a relação com o *loft* surge através da apropriação do espaço que cada ocupante do *loft* pode fazer, consoante a casa que quer para si; o arquitecto projecta a reconversão do espaço e ao habitante é dado um espaço neutro que ele transforma e gere conforme o seu gosto e a funcionalidade que pretende conferir ao espaço. É precisamente o jogo de conceitos - tão utilizado por Duchamp e tão presente na compreensão do *loft* - que permite fazer esta associação de ideias, em que um novo pensamento e um novo objectivo são criados para estes objectos, os de Duchamp, ou os edifícios industriais,

consequentemente, os *lofts*. Marcel Duchamp pretendia com as suas obras, mais do que criar obras de arte, provocar a reflexão sobre a própria arte (numa atitude provocatória, como quando usa os tais objectos do quotidiano e os “transforma” em arte). Antes de mais, pode entender-se o *loft* como uma reflexão sobre três temas: o património industrial, a habitação e a requalificação urbana, podendo ser entendido como (mais uma) estratégia de reutilização de edifícios devolutos, bem como o de criação de um novo tipo de habitação no centro urbano da cidade.

Fora de todo o conceito e de toda a ideia por detrás do *loft* e, para além das vantagens urbanas, o *loft* pode também ser um benefício para a arquitectura, na medida em que vai colocar problemas novos que os arquitectos terão que resolver, havendo sempre por trás o incentivo de responder a duas questões, simultaneamente: a da reconversão industrial e a de uma nova tipologia habitacional.

É ponto assente que a habitação está progressivamente mais distante do centro da cidade (como já foi referido, entende-se aqui como centro da cidade a zona urbana central, não apenas o centro histórico mais antigo), deixando este exposto à desertificação e conseqüente abandono. As condições habitacionais da periferia podem ser mais atractivas para a população por serem mais baratas, terem melhores condições físicas - muitas vezes, mais espaço, interior e exterior -, apesar de que «o *loft* como habitação tem alguns dos valores espaciais da típica casa suburbana, em particular uma predilecção pela área, luz e espaço aberto. Naturalmente os *lofts* encontram-se em estradas urbanas e não em lotes ajardinados, mas um *loft* tem no seu interior uma atmosfera de isolamento da cidade»¹⁷⁸. Contudo, uma vez que o centro urbano se encontra em decadência, não há interesse em lá morar. Funciona como um ciclo vicioso: não há habitação no centro, o centro vai decaindo; num centro degradado, as pessoas não querem morar; não há pessoas para o centro, este deteriora-se; e assim sucessivamente.

Levanta-se, então, a questão da oferta; se não há casas para habitar no centro, é fundamental que se criem essas habitações, para que as pessoas,

¹⁷⁸ ZUKIN, Sharon, “La nascita del “loft lifestyle” – Gli anni settanta”, in «Lotus International - I *loft* americani». 1990, nº 66, p. 18; tradução da autora

para além de quererem, poderem viver (n)a cidade, terem opção de escolha. Logo, é preciso, e cada vez mais urgentemente, inverter esta tendência, de modo a (voltar a) tornar o centro da cidade nisso mesmo: o centro da cidade, à volta do qual tudo acontece. Assim, importa criar habitação nesta área urbana, de maneira a que esta retome as capacidades de pólo atractivo para a população habitar; já se ultrapassou a, apenas, vontade de morar no centro, hoje é uma necessidade, social e urbana. Uma vez que falta, literalmente, espaço físico para novas construções, e também porque estas proliferam por toda a cidade, central e periférica, é necessário pensar noutras hipóteses e arranjar novas propostas habitacionais.

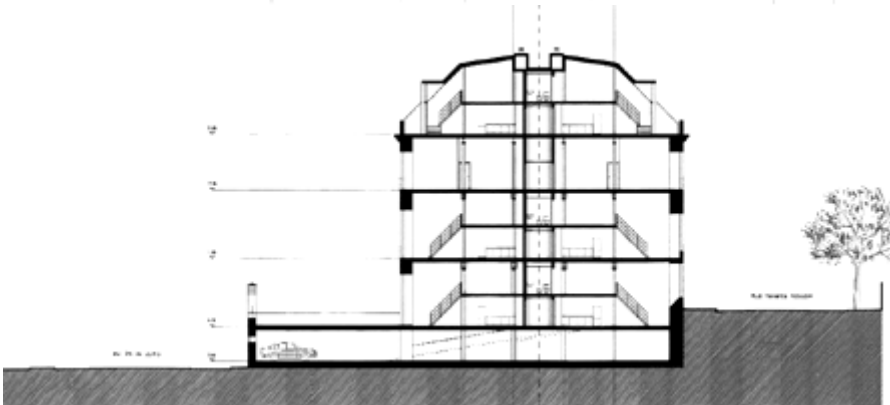
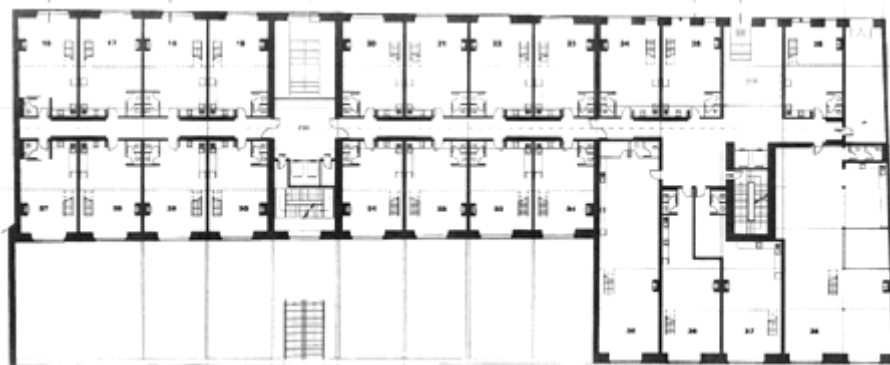
O que faz a habitação no centro da cidade? Faz, básica e essencialmente, tudo. É a habitação que faz com que as pessoas permaneçam e se reconheçam num determinado lugar e é isso que se pretende actualmente, que as pessoas se liguem à cidade e, mais do que viver nela, que a vivam, enquanto elemento com identidade própria criada precisamente pelos seus habitantes, seja do passado, sejam os actuais. É o programa habitacional o que mais facilmente permite que a cidade tenha presença e movimentação de pessoas, mantendo-a activa, necessidade urgente hoje em dia, porque as cidades estão vazias. Importa fazer as pessoas entenderem que, ao viverem fora da cidade, estão a perder grande parte do que esta oferece e que, ao contrário, se a sua casa fosse (n)a cidade, a própria qualidade de vida, social, cultural e urbana, seria mais elevada e muito mais rica.

Com a habitação - aqui, o *loft* - para além da requalificação urbana, através da recuperação de edifícios - neste caso, os industriais - e de espaços públicos - os envolventes à construção pré-existente e correspondentes ao centro urbano - consegue-se uma revivificação da cidade.

O *loft* pode ser uma das respostas para esta questão de devolver a habitação à cidade e ao seu centro urbano, pois a sua origem – os edifícios industriais que, originariamente, se situavam no centro da cidade – está, muitas vezes, situada nestes centros urbanos, nevrálgicos para a cidade. Com o *loft* existe a possibilidade de se voltar a viver (n)a cidade, num espaço onde tudo é possível, situado no lugar onde os acontecimentos se dão.

Sobretudo, «se não queremos cidade mortas (...) temos que pensar em formas de compatibilizar a modernidade com a tradição»¹⁷⁹; assim, o objectivo é que se olhe para o *loft* como uma hipótese no vasto leque de opções quando se trata da reconversão de um edifício industrial, reutilizando-o para diversas funções. Este tipo de reconversão tem a oportunidade de restituir ao centro da cidade a sua função principal, a habitação, programa esse que é inesgotável (ao contrário dos programas que habitualmente se desenvolvem nestas reutilizações de edifícios industriais) e será sempre um bem essencial na cidade, para que esta se possa manter viva ao longo do tempo.

¹⁷⁹ Arlindo Cunha, Presidente SRU – Ponto Vivo, in “As cidades onde não moramos”, *Prós e Contras*, RTP1, 15 de Junho de 2009 (<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=2-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11642>)



Figuras 53 a 56. **Lisboa Loft**. Imagem 3D do alçado da Avenida 24 de Julho, plantas-tipo dos apartamentos e corte longitudinal, onde se vêem os altos pés-direitos.

3.5. UM LOFT E DUAS METÁFORAS

Actualmente, não é muito comum encontrar *lofts* provenientes de edifícios industriais; o seu conceito de “open space”, com alto pé-direito e mezzanine encontram-se pontualmente em diversas habitações, mas o processo completo – seleccionar um edifício industrial de qualidade que esteja devoluto e reconvertê-lo em habitação – já é mais difícil, nomeadamente em Portugal.

O empreendimento “Lisboa *Loft*” [Figs. 53 a 56], dos arquitectos Raul Abreu e Miguel Varela Gomes, terminado em 2004, ocupa o espaço da antiga Fábrica de Lâmpadas Lumiar, na Avenida 24 de Julho.

Tratou-se de recuperar um antigo edifício industrial, reconvertendo-o em habitação, utilizando o conceito de *loft* na sua construção, mantendo as suas características o máximo possível. «Adapta-se o edifício a novas funções, em vez de o demolir, o que é positivo, mesmo considerando que não se trata de uma construção de qualidade arquitectónica particularmente interessante, mesmo para a época»¹⁸⁰; apesar disso, nota-se aqui o esforço de dar uma nova utilização a antigos edifícios industriais, fora da esfera cultural habitual, dando um primeiro passo, já que «é a primeira vez que este tipo de intervenção se faz em Portugal virado para a habitação»¹⁸¹. Sendo assim o início, «e a exemplo do que sucede noutros países, também o sector imobiliário começa a interessar-se pelo aproveitamento de edifícios existentes, nomeadamente de carácter industrial, transformados agora em *lofts*, do que constitui um caso assinalável a antiga fábrica de lâmpadas Lumiar»¹⁸².

Aqui não se trata do *loft* espontâneo e improvisado (o originário), mas sim de um complexo imobiliário baseado nesse conceito, criando um «conjunto de espaços de habitação que cada um possa utilizar como entender, espaços abertos com dois níveis, sem paredes divisórias interiores a não ser as sanitárias e quartos de banho, cheias de luz e situadas na zona ribeirinha de

¹⁸⁰ Boletim Lisboa Urbanismo n.º 16, in <<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/004/artigo.php?ml=3&x=b16a11pt.xml>>

¹⁸¹ Ibidem

¹⁸² PEREIRA, Nuno Teotónio, in «Pedra e Cal». Lisboa. 2006, n.º 32, cf. <<http://cidadaniaix.blogspot.com/2007/02/alienao-de-patrimnio-pblico.html>>



Figura 57 a 62. **Lisboa Loft** – interiores de vários apartamentos, onde se denotam as características formais do *loft*: grandes vãos, altos pés-direitos, ausência de divisórias, amplitude espacial.

Lisboa»¹⁸³, mantendo, assim, as principais características formais do *loft*; em questões funcionais, o edifício divide-se em duas zonas: o piso térreo corresponde ao estacionamento e os restantes quatro a habitação, onde os *lofts* se encontram dispostos ao longo do corredor de distribuição. A nível visual, incorpora as características dos edifícios industriais, como vigas metálicas à vista e escadas igualmente metálicas, dando aos *lofts* o ar “rude” e “em bruto” que se lhes associa desde a sua origem. [Figs 57 a 62]

Da Fábrica, manteve-se a fachada de origem, dos anos 20; em termos estruturais, devido à antiguidade da construção, o edifício original foi totalmente reforçado¹⁸⁴, de modo a poder responder às novas exigências a que está sujeito com este novo programa habitacional. Os aspectos técnicos e práticos, como as condições de segurança contra incêndios, foram cumpridos, consoante a legislação em vigor, com os devidos ajustes a este tipo de edifício – habitação *loft* -, pois, ao ser o primeiro no nosso país, não há, ainda, regulamentos específicos.

Este edifício de *lofts* pode entender-se como um possível ponto de partida para a reconversão de edifícios industriais em habitação em Portugal. Pode ainda apresentar falhas e denotar a inexperiência nacional no tema, mas aponta um caminho que se mostra possível, na medida em que se encontram estruturas industriais obsoletas por todo o país. Ressalva-se que, aqui, foi mantida a identidade do edifício, respeitando-o na medida do possível, durante a sua alteração de funções e reutilização num novo programa, totalmente distinto do (in)existente; também a memória colectiva da cidade foi salvaguardada, ao dar uma nova vida a um edifício já intrínseco à malha urbana e à imagem daquela avenida, ainda com a mais valia de perpetuar a presença de habitação no centro urbano.

Para além dos *lofts* propriamente ditos, como já referido, a ideia de habitação-*loft* vai surgindo na arquitectura doméstica, pretendendo-se tirar

¹⁸³ Boletim Lisboa Urbanismo nº 16, in <<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/004/artigo.php?ml=3&x=b16a11pt.xml>>

¹⁸⁴ Obras de reforço estrutural a cargo do engenheiro João Appleton.

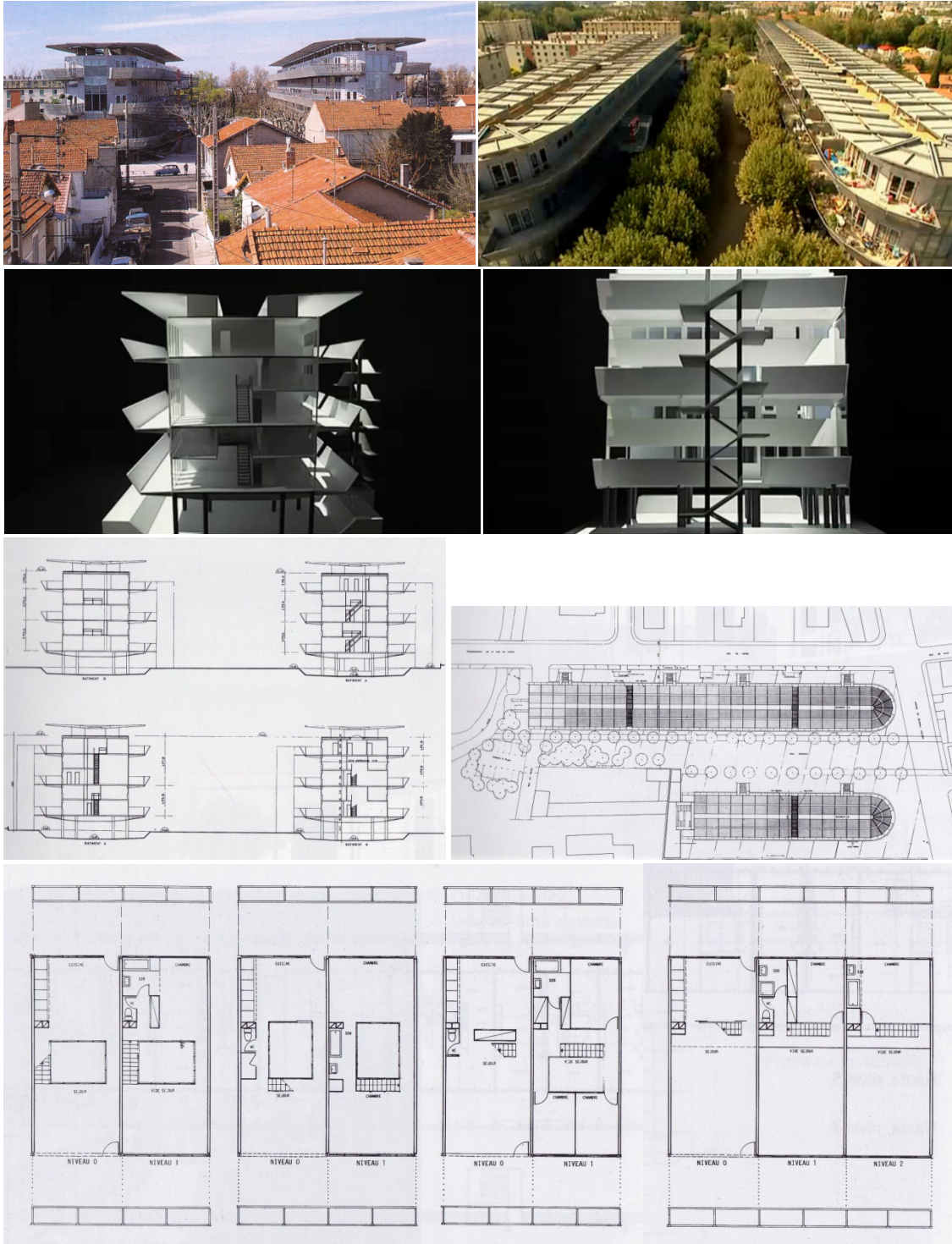


Figura 63 a 70. **Edifício Nemausus.**

Nas Figuras 63 e 64, imagens que mostram a inserção do complexo na malha urbana.

Nas Figuras 65 e 66, imagens 3D que ilustram a volumetria do edifício, em corte e alçado.

Na Figura 67, cortes transversais onde se vêem as várias tipologias de apartamento, tal como os espaços de pé-direito duplo.

Na Figura 68, a planta de implantação em que é perceptível a relação entre os dois edifícios e o arvoredo intermédio.

Nas Figuras 69 e 70, plantas-tipo dos apartamentos duplex e triplex.

partido das qualidades do *loft*, mas sem sempre corresponder à reutilização de um edifício previamente industrial.

A nível internacional, e de mérito reconhecido, “Nemausus” [Figs 63 a 70], do arquitecto francês Jean Nouvel, é um edifício de habitação social construído em Nîmes, França, nos anos 80 (1985-1987). Situado num terreno industrial baldio, de antigos entrepostos eléctricos, pretendeu-se, através desta nova arquitectura, dinamizar a imagem da cidade. Este complexo habitacional consiste em dois edifícios idênticos – de diferentes comprimentos, devido à forma irregular do terreno - colocados paralelamente e “separados” por duas linhas de árvores no espaço exterior criado entre os dois volumes, o «coração verde do projecto que separa e une os dois edifícios»¹⁸⁵.

Assiste-se, aqui, a uma simplificação da arquitectura: forma paralelepipedica, divisão modular, estrutura regular e circulação exterior definida – acede-se às habitações através de galerias exteriores que delimitam o edifício, às quais se chega por blocos de escadas adjacentes, e que funcionam como ruas pedonais, internas ao próprio edifício. Segundo Jean Nouvel, «para criar mais espaço, tem que se criar mais direito e o mais simples possível»¹⁸⁶. Estes apartamentos são grandes superfícies e também grandes volumes, construídos em dois, ou três, níveis (duplex/triplex); para o arquitecto, «Nemausus construiu-se (...) com o objectivo de dilatar o interior para dar aos jovens mais espaço para viver. É a quantidade de espaço como estética preliminar. Um belo apartamento é um apartamento grande; um belo quarto é um quarto grande»¹⁸⁷.

A analogia entre o edifício Nemausus e o *loft* é perceptível pela espacialidade existente nestas duas versões de habitação, encontrando-se várias semelhanças entre si, visual, formal e funcionalmente. Tal como acontece no *loft*, as habitações Nemausus apresentam espaços com pé-direito alto, inexistência de divisórias e a criação de mezzanines através da colocação

¹⁸⁵ *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora

¹⁸⁶ NOUVEL, Jean, in *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora

¹⁸⁷ NOUVEL, Jean, in *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora



Figuras 71 a 78. **Edifício Nemausus**. Imagens interiores de vários apartamentos, onde se vêem as opções formais de pé-direito duplo, transparência visual, escadaria metálica e bloco, portada de acesso ao terraço exterior e diversas formas de apropriação do espaço.

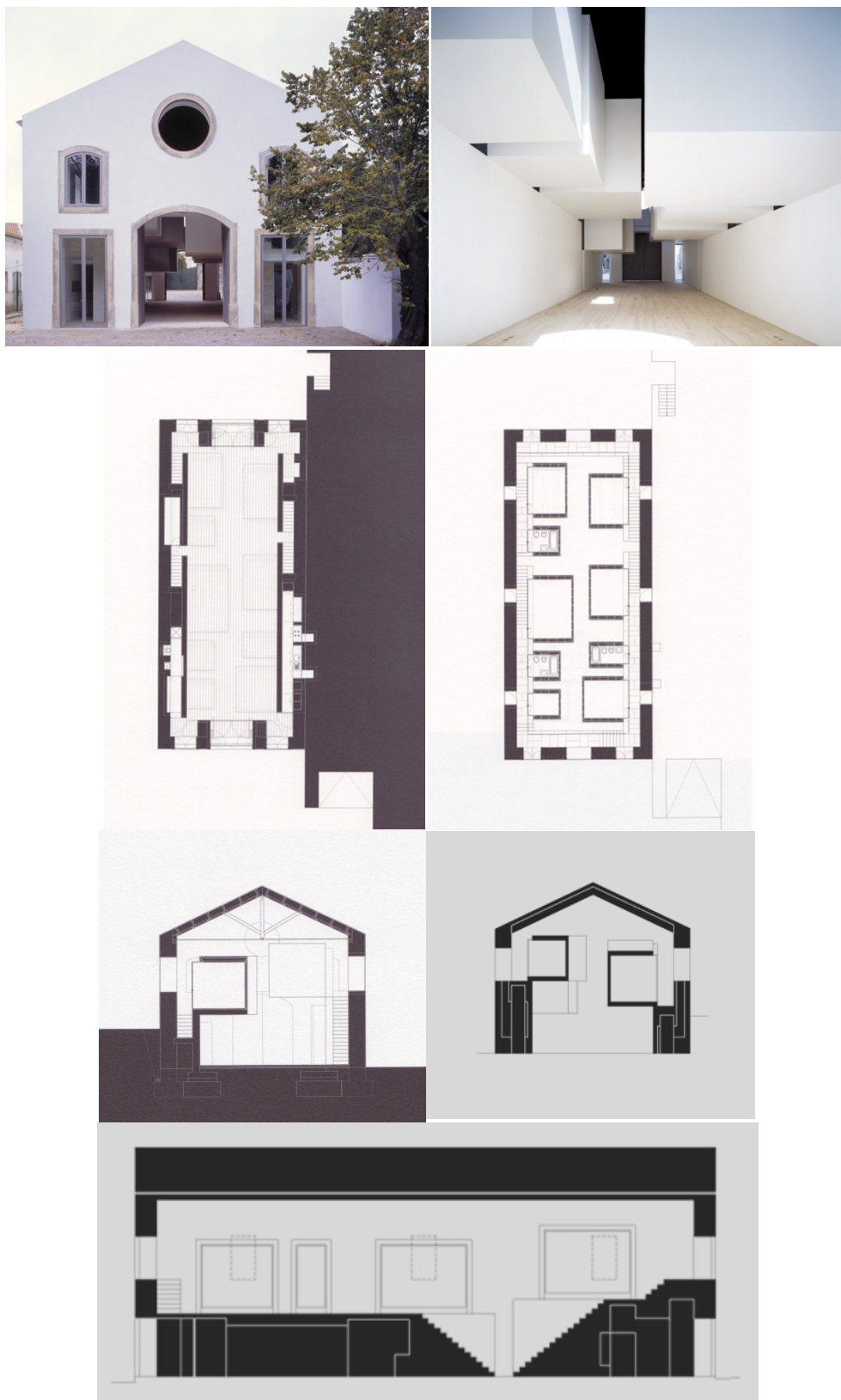
de escadas que fazem a circulação interior, resultando numa fluidez espacial quase total. Como diz o arquitecto, «com Nemausus, quis marcar princípios como o espaço, a luz e o ar (...) e foi na espacialidade interior que quis investir»¹⁸⁸, noções que se encontram igualmente presentes no *loft*; fora os elementos-base comuns a todos os apartamentos – bloco separador (dividindo, por vezes, espaços) e funcional (alberga instalações sanitárias e arrumos) e escadas metálicas interiores, combinados diferentemente em cada caso -, estas habitações atingem um tratamento minimal que privilegia a transparência, onde a circulação é feita livremente. [Figs 71 a 78]

Para conseguir a maior amplitude espacial possível, a área dos apartamentos corresponde à dimensão de fachada a fachada, ocupando toda a espessura do edifício, espacialidade essa ainda aumentada pelas galerias exteriores, de ambos os lados – a Norte, o corredor de acesso às habitações, para o qual está virado a cozinha, fazendo a transição espaço privado/colectivo; a Sul, terraços privados, aos quais se acede pelas zonas mais sociais da casa, como a sala, estendendo-se esta até ao ar livre. «Entre os apartamentos e os terraços, a parede da fachada pode abrir-se totalmente sobre si mesma, deixando passar o ar e a luz; não é uma parede, mas uma porta de alumínio de quatro batentes, um modelo fabricado em série para os quartéis de bombeiros, aqui melhorado para responder às exigências de uma habitação privada: manuseamento, qualidade das juntas, isolamento sonoro e térmico»¹⁸⁹. O rigor construtivo aqui aplicado permite utilizar materiais, elementos e estruturas pré-fabricadas, fazendo de Nemausus um «alojamento social em kit industrial»¹⁹⁰, mesmo a nível interior, com paredes em betão aparente e escadas metálicas, como opção formal, que depois cada habitante decorará a seu gosto – tal como no *loft*, a robustez industrial e o respectivo despojamento decorativo.

¹⁸⁸ NOUVEL, Jean, in *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora

¹⁸⁹ *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora

Architectures 1. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD); tradução da autora



Figuras 79 a 85. **Casa em Brejos de Azeitão.**

Nas Figuras 79 e 80, vistas exterior e interior, onde são visíveis os volumes suspensos e a respectiva amplitude espacial criada.

Nas Figuras 82 a 85, plantas e cortes, transversais e longitudinal, respectivamente, em que se percebe a dinâmica de cheios e vazios.

Em Nemausus e no *loft*, tem-se a «abundância de espaço (superfície e volume) como critério principal»¹⁹¹, subvertendo algumas ideias convencionais de compartimentação da habitação, consoante a funcionalidade a desempenhar, bem como se apresenta o aproveitamento máximo da luz natural em toda a espacialidade doméstica; em ambos os casos, é feita uma proposta de um novo modo de habitar, através de um novo espaço para viver, sendo que «um bom apartamento é flexível, mutável»¹⁹² e, então, em Nemausus, tem-se a «habitação social transformada pelo espírito do espaço industrial domesticado – o *loft*»¹⁹³.

A espacialidade do *loft* pode ser entendida como o vazio total onde se vive espontaneamente, mas também como uma nova hipótese de repensar a tipologia doméstica e (re)criar novos espaços, mesmo a partir de estruturas industriais.

A “Casa em Brejos de Azeitão” (Setúbal, 2001-2003) [Figs 79 a 85], projecto dos arquitectos Aires Mateus, é o resultado da recuperação de um antigo armazém de vinhos e sua reconversão em habitação unifamiliar de fim-de-semana. Do antigo armazém, «quatro espessas paredes e uma cobertura em dois planos inclinados definem o volume pelo exterior e, simultaneamente, o seu espaço interior»¹⁹⁴, deixando o vazio como ponto de partida; aqui, do/no “open space” total do armazém nascem volumes de compartimentação suspensos e muros de sustentação e acessos que definem a habitação.

Para que este espaço desabitado se torne doméstico, surgem volumes habitáveis (onde se desenrolam os programas habitacionais) que regram o espaço, dando-lhe escala – uma escala mais humana e doméstica -, volumes esses que estão suspensos no ar, como que ausentes de peso, desafiando a gravidade. Os muros albergam as funções sociais de apoio ao piso térreo, bem como os acessos para o piso superior, onde se circula e se acede aos referidos volumes elevados.

¹⁹¹ BOISSIÈRE, Olivier - *Jean Nouvel*. (1998), p. 70

¹⁹² MORGAN, Conway Lloyd, in <<http://www.jeannouvel.com/english/preloader.html>>

¹⁹³ BOISSIÈRE, Olivier - *Jean Nouvel*. (2001), p. 47; tradução da autora

¹⁹⁴ MATEUS, Aires - *Aires Mateus: arquitectura*. (2005), p. 21



Figuras 86 a 91. **Casa em Brejos de Azeitão.** Imagens interiores que ilustram o jogo de volumes e de espaço.

Nesta casa, convivem a estabilidade – do espaço contendor – e a instabilidade – dos volumes pendentes do ar. [Figs 86 a 91] O espaço e a sua respectiva percepção têm aqui um papel fundamental, pois pretende-se que o espaço original se percepcione, tal como interessa que a nova espacialidade se faça sentir, sendo que «a leitura global do espaço é mantida apesar da introdução do programa»¹⁹⁵. Como no *loft*, importa a conjugação dos dois espaços, das duas realidades – a industrial e a doméstica.

O sistema de volumes suspensos permite libertar toda a área central do piso térreo, onde se instala a sala comum e, assim, «o espaço principal da casa guarda desta forma as características originais do armazém, cuja percepção é reforçada pelo confronto com os novos elementos»¹⁹⁶. Esta “estratégia” da colocação de volumes para (re)dimensionar o espaço, dando-lhe uma escala mais habitacional, sem, contudo, ofuscar a espacialidade industrial, pode ser vista como hipótese de regrar o espaço industrial igualmente presente no *loft*.

Também a luz se mostra presença essencial nesta reconversão, pois apesar da inserção de novos volumes no espaço, estes não retiram luminosidade à sua globalidade, sendo que «a introdução de volumes neste interior relaciona-se com a luz e pretende “modular” o espaço principal da sala enfatizando as suas características originais»¹⁹⁷. No *loft*, a luz natural é igualmente importante, pois, ao não haver divisórias interiores, é possível que esta luz penetre toda a espacialidade da habitação, sem preferências, nem hierarquias, tornando-se um elemento constante na arquitectura destes espaços de habitação. Assiste-se, assim, em ambos os casos, a uma potenciação simultânea do espaço e da massa, sem esquecer um tratamento intensivo da luz natural, como componentes fundamentais na questão da habitação. Esta casa, como o *loft*, é uma habitação inovadora, tanto na atitude como na vida que permite, pois oferece um espaço diferente do comum na questão doméstica, logo, possibilita uma maior liberdade no modo de vida.

¹⁹⁵ MATEUS, Aires, in <<http://www.airesmateus.com/>>

¹⁹⁶ MATEUS, Aires, in <<http://www.airesmateus.com/>>

¹⁹⁷ MATEUS, Aires, in <<http://www.airesmateus.com/>>

Um *loft* com todas as características de um *loft*, um edifício habitacional onde se encontram reminiscências do *loft* e ainda uma reinterpretação volumétrica da habitação-*loft*, vários são os cenários possíveis no contexto da casa. O que importa é perceber que este tipo de habitação é possível nos dias de hoje e apresenta diversas possibilidades de apresentação, sendo que, de maneiras diferentes, se tem a noção de espaço, de casa, de património, de arquitectura e de cidade.

CONCLUSÃO

Agora, após a análise faseada às três parcelas integrantes deste trabalho – o património industrial, a cidade e o *loft* -, importa reter algumas considerações que advieram desta pesquisa e respectiva “discussão” dos factos apresentados. Daqui se pode retirar um, hipotético e possível, ponto de partida para passar à prática no que diz respeito a esta temática do *loft*, entendido essencialmente como uma estratégia de promover o retorno da habitação ao centro da cidade, permitindo, ao mesmo tempo, recuperar alguns edifícios industriais que se encontram hoje desprovidos de sentido.

A rápida evolução produtiva decorrente da Revolução Industrial trouxe consigo, para além de muitas outras consequências, a igualmente rápida e progressiva obsolescência dos edifícios industriais, pois com o passar do tempo e o aparecimento de novas técnicas eram precisos em maior número e dimensão, enquanto os originais iam ficando gradualmente devolutos. Estes edifícios industriais desocupados, muitos deles apresentando qualidades arquitectónicas, bem como portadores de memórias, históricas, sociais e urbanas, deram origem a vazios urbanos nos centros das cidades e aos quais – edifícios e respectivas áreas - se sente, actualmente, ser necessário dar uma nova função.

A reconversão de edifícios industriais é já algo comum, no mundo, e

também em Portugal; criam-se centros de exposições, de congressos e museus (muitas vezes relativos à actividade industrial que nesse edifício se desenvolvera anteriormente), perpetuando a memória destes edifícios e de quem neles, e com eles, viveu. Torna-se premente pensar em novas hipóteses programáticas para estes edifícios, sendo a habitação uma funcionalidade possível e com diversos benefícios consequentes.

A cidade está, hoje, carente de qualificação, devido à obsolescência e/ou estagnação de algumas das suas funções, sendo necessário encontrar novos planos de requalificação urbana. Quando se fala em regenerar os centros históricos e urbanos, pensa-se, muitas vezes, em programas “monumentais”, como museus, centros culturais e zonas comerciais, por exemplo, por serem esses alguns dos que mais propiciam movimento de pessoas; contudo, é um movimento temporário. Esta situação não se passa com a habitação – é um programa permanente, onde as pessoas entram e saem diariamente, o que origina movimento constante e ininterrupto.

Urbanisticamente falando, importa revivificar zonas centrais, mais antigas e degradadas, em que os programas originais já não se cumprem, e também fomentar a habitação nestes centros, já que cada vez mais se vive fora do centro da cidade, por este estar a ficar empobrecido de identidade. Assim, terá que se reverter a situação, incentivando o contrário, dando à população a possibilidade de viver no centro da cidade, com uma nova envolvência urbana, agora incentivada e melhorada, neste caso, depois da recuperação de edifícios industriais e respectiva reutilização no programa fundamental da cidade – a habitação.

Assim, o *loft* surge como hipótese de resposta a estas duas questões: a necessidade de reutilizar o património industrial e a possibilidade de devolver à cidade a habitação no centro urbano. A vertente habitacional poderá ser um meio de reciclagem destas estruturas agora desactivadas e obsoletas e, sendo o programa com maior peso nas cidades, fomentar, simultaneamente, o retorno da habitação ao centro urbano, onde estes edifícios se localizam e onde é urgente revivificar a cidade.

Para a cidade, o *loft* poderá ser uma hipótese “refrescante” no cenário da habitação, sabendo, à partida, que a sua centralidade urbana e a sua

singularidade espacial serão, provavelmente, características apelativas neste novo mercado habitacional, direccionado a uma determinada amostra de população que se identifica com o *loft*, conceptual, formal e funcionalmente.

Actualmente, vivem-se tempos de mudança, de um dia-a-dia agitado, tudo a passar a uma velocidade muitas vezes superior à que se desejaria, num mundo que cada vez se torna mais semelhante, devido ao fácil acesso a tudo e todos, assistindo-se a uma homogeneização social, cultural e urbana. O futuro aproxima-se a passos largos e o passado, torna-se, assim, uma referência que se quer preservar, até para manter as identidades e as culturas de cada um e de cada sociedade.

Por outro lado, também se anseia por modernidade, por novidades, nomeadamente, novas casas, de novas tipologias, diferentes de todas as que se constroem quase que mimeticamente. O *loft* poderá ser uma resposta para esta vontade de futuro, mas sem deixar o passado para trás, já que é uma nova e diferente tipologia de habitação, que permite uma especial forma de vida, mas que tem a sua base num edifício industrial, remetendo para o passado e para a memória individual e colectiva, adaptando-o aos dias de hoje.

Mais do que uma questão actual, o *loft* é uma questão urbana, arquitectónica, patrimonial, social e económica. Permite reutilizar edifícios industriais devolutos, logo, regenerando as respectivas zonas urbanas, bem como possibilita aos arquitectos uma nova abordagem ao contexto habitacional, respondendo a uma determinada população que ambiciona voltar a viver (n) o centro da cidade.

Não se pretende, aqui, defender o *loft* como a (única) nova solução para a reconversão do património industrial, nem como a tipologia certa para a cidade voltar a oferecer habitação no seu centro urbano, mas sim mostrá-lo como (mais) uma hipótese neste âmbito da reabilitação na arquitectura, deixando livremente em aberto a sua utilização. Ou seja, defende-se, sim, a reabilitação do património construído, aqui o industrial em particular, bem como a habitação no centro da cidade, surgindo o *loft* como a junção destas duas questões que se pensam essenciais no que toca, actualmente, à disciplina da Arquitectura.

BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki - **A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade.** Barcelona : Editorial Gustavo Gili, SA, 2003. 207 p. ISBN 84-252-1931-0.

ALVES, Jorge Fernandes - **Metamorfoses de um lugar: de Alfândega Nova a Museu dos Transportes e Comunicações.** [Porto] : Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações, 2006. 197 p. ISBN 972-99632-1-5.

ANDRIEUX, Jean-Yves - **Le patrimoine industriel.** Paris : Presses Universitaires de France, 1992. 128 p. ISBN 2-12-044568-3.

Architectures 1. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD).

ARIÈS, Philippe; GEORGES, Duby - **História da vida privada.** Porto : Afrontamento, 1989-1991. Vol. 5. ISBN 972-36-0235-0.

ASENCIO CERVER, Franciso – **LOFTS: vivir e trabajar en un loft.** Colonia del Valle : Atrium Internacional, 2001. 175 p. ISBN 84-8185-297-X.

BAPTISTA, António J. Mendes; MARTINHO, Maria Albina - **Programas Urban e Reabilitação Urbana.** Lisboa : Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, 1997. 147 p. ISBN 972-9352-39-9.

BENEVOLO, Leonardo - **A cidade e o arquitecto**. Lisboa : Edições 70, 2006. 146 p. ISBN 972-44-1332-2.

BOISSIÈRE, Olivier - **Jean Nouvel**. São Paulo : Martins Fontes, 1998. 207 p. ISBN 85-336-0910-8.

BOISSIÈRE, Olivier - **Jean Nouvel**. Paris : Terrail, 2001. 208 p. ISBN 2-87939-105-9.

BOURDIN, Alain - **Le patrimoine reinventé**. Paris : Presses Universitaires de France, 1984. 240 p. ISBN 2-13-038501-X.

CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima - **Construir no tempo**. Lisboa : Estar Editora, 1999. 95 p. ISBN 972-8095-67-8.

CHOAY, Françoise - **Alegoria do património**. Lisboa : Edições70, 2008. 306 p. ISBN 978-972-44-1274-0.

COHEN, Jean-Louis - **Le Corbusier**. Köln : Taschen, 2005. 96 p. ISBN 3-8228-4213-3.

COLQUHOUN, Ian - **Urban regeneration**. London : Batsford Ltd, 1995. 176 p. ISBN 0-7134-7087-9.

COSTA, Daniela Gouveia Saraiva da - **Loft Living: a contemporaneidade de uma forma de habitar**. Porto : [s.n.], 2002. 77 p. Prova Final de Licenciatura apresentada à Faculdade de Arquitectura.

COUCEIRO, João, coord. - **Urbanidade e património**. Lisboa : IGAPHE : URBE, 1998. 143 p.

«Darco magazine». Matosinhos. 2009, nº 07. ISSN 1646-950X.

ECO, Umberto - **Como se faz uma tese**. 14^a ed. Lisboa : Editorial Presença, 2008. 238 p. ISBN 978-972-23-1351-3.

FERNANDES, José Manuel - **Arquitectura e indústria em Portugal no século XX**. [Lisboa] : SECIL, 2003. 207 p.

FIGUEIRA, Jorge - **Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal**. Casal de Cambra : Caleidoscópico, 2005. 111 p. ISBN 972-8801-70-X.

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge - **Caminho do Oriente: guia do património industrial**. Lisboa : Caminho do Oriente : Livros Horizonte, 1999. 217 p. ISBN 972-24-1056-3.

GARCIA BRAÑA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana - **A arquitectura da indústria, 1925-1965**. Barcelona : Fundação Docomomo Ibérico, 2005. 276 p. ISBN 84-609-4295-3.

GRACIA, Francisco de - **Construir en lo construido: la arquitectura como modificación**. 2ª ed. Madrid : Nerea, 1996. 323p. ISBN 84-86763-65-7.

GRANDE, Nuno - **Arquitectura & não**. Casal de Cambra : Caleidoscópico, 2005. 103 p. ISBN 972-8801-67-X.

Industrial chic reconverting spaces. Seixal : Lisma, 2006. 287 p. ISBN 989-624-022-1.

INTERNATIONAL DOCOMOMO CONFERENCE, 10, Rotterdam, 2008 - **The challenge of change – dealing with the legacy of the Modern Movement**. Rotterdam : Docomomo International : IOS Press, 2008.

JODIDIO, Philip - **Arquitectura hoje**. Köln : Taschen, 2004. 191 p. ISBN 3-8228-2567-0.

JORGE, Filipe - **Coimbra vista do céu**. Lisboa : Argumentum Edições, 2003. 96 p. ISBN 972-8479-30-1.

«Jornal de Leiria». Leiria. 26-03-2009.

«Jornal do Museu dos Transportes e Comunicações». Porto. 2006, nº 11. ISSN 1645-6386

KOSTOF, Spiro - **The city assembled: the elements of urban form through history**. London : Thames and Hudson Ltd, 1992. 320 p. ISBN 0-500-34124-9.

LENCASTRE, Marta Maria I. M. Guimarães - **O edifício da Alfândega Nova do Porto e o futuro Museu dos Transportes e Comunicações – o seu**

processo de transformação, Porto : [s.n.], 1995. Trabalho académico realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LOBO, Susana Maria de Oliveira - **Reciclagem de espaços industriais _ o loft**, Porto : [s.n.], 2004. [103] p. Prova Final de Licenciatura apresentada à Faculdade de Arquitectura.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito - **Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais**. Lisboa : Livros Horizonte, 2004. 351 p. ISBN 972-24-1307-4.

«Lotus International - I *loft* americani». Milão. 1990, nº 66. ISBN 88-289-0465-8.

MATEUS, Aires - **Aires Mateus: arquitectura**. Coimbra : Almedina, 2005. 191 p. ISBN 972-40-2660-4.

MILANO, Maria, coord. - **Do habitar**. Matosinhos : Câmara Municipal : Edições ESAD, 2005. 180 p. ISBN 972-98303-2-0.

MINK, Janis – **Duchamp**. Köln : Taschen, 2004. 95 p. ISBN 3-8228-3933-7.

O livro grande dos lofts. Köln : Evergreen, 2005. 383 p. ISBN 3-8228-4183-8.

«Património: Encontros de divulgação e debate em Estudos Sociais». Vila Nova de Gaia. 1999, nº 4. ISSN 0873-0512.

Património Edificado – Novas Tecnologias, Inventários. Angra do Heroísmo : Instituto Açoriano da Cultura : Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002. 272 p.

REAL, Manuel Luís - **A Alfândega do Porto e o despacho aduaneiro**. Porto : Casa do Infante, 1990. 222 p.

RILEY, Terence - **The un-private house**. New York : The Museum of Modern Art, 1999. 151 p. ISBN 0-87070-097-9.

RODRIGUES, Maria João Madeira – **Arquitectura: o que é**. Lisboa : Quimera Editores, 2002. 103 p. ISBN 972-589-074-4.

ROSSI, Aldo - **A arquitectura da cidade**. Lisboa : Cosmos, 2001. 258 p. ISBN 9727621260

SILVA, Tiago de Castro Nuno Santos - **O arquétipus warholiano e os novos lofts**, Coimbra : [s.n.], 2004. 76 p. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de – **Territorios**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, SA, 2002. 207 p. ISBN 84-252-1864-0.

VAN BRUGGEN, Coosje - **Frank O. Gehry – Guggenheim Museum Bilbao**. New York : Guggenheim Museum Publications, 1999. 211 p. ISBN 0-8109-6907-6.

«20 CASAS – LOFTS». Madrid. 2009, nº 8. ISSN 1575-1694.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

ALVES, Jorge Fernandes – **Património industrial, educação e investigação: a propósito da rota do património industrial do Vale do Ave**. [Em linha]. [Consult. 06-02-2009]. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1192.pdf>>.

Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial [Em linha]. TICCIH, 17-07-2003. [Consult. 06-02-2009]. Disponível em <<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>>.

CASTRO, Cleusa de – **Permanências, transformações e simultaneidades em arquitectura** [Em linha]. Rio Grande do Sulpropar : Universidade Federal, 2002. [Consult. 20-02-2009]. Disponível em <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/.../1/Tudo%20Menos%20figura.pdf>>.

DUARTE, Rui Barreiros – **O residual imaginário industrial nas transfigurações urbanas**. Artitextos [Em linha]. Dezembro 2006. [Consult. 06-02-2009]. Disponível em <<http://www.rbdapp.com/artitextos03.pdf>>.

BIBLIOGRAFIA

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino; PEIXOTO, Paulo – **Centros das cidades e políticas de requalificação urbana: observações sobre o caso da Baixa de Coimbra** [Em linha]. [Consult. 20-02-2009]. Disponível em <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460eba9de09e0_1.pdf>.

MENDES, José Amado – **Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura** [Em linha]. [Consult. 18-02-2009]. Disponível em <http://www.icea.pt/Actas/21_10h30m_Jos%C3%A9%20A%20Mendes.pdf>.

PORTES, Gylianne Fernanda; MARTINS, Elis Magna F. – **Proposta em adaptar moradias tipo “loft” para a cidade de Cascavel. AKRÓPOLIS: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR** [Em linha]. Julho/Setembro 2003. [Consult. 06-02-2009]. Disponível em <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/346/313>>. ISSN 1517-5367.

SMITH, Neil – **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. GeoUsp: Espaço e Tempo** [Em linha]. 2007. [Consult. 06-02-2009]. Disponível em <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp21/Artigo_Neil.pdf>. ISSN 1414-7416.

WORLD WIDE WEB

<http://www.archi.fr/EUROPAN/resu/tex/thesitco.htm>
[consult. em 01/10/2008]

http://www.ateliers-lofts.com/informations-immobilières_definitions.html
[consult. em 01/10/2008]

<http://arquitectura.pt/forum/f10/arquitectura-industrial-5435.html>
[consult. em 15/11/2008]

<http://www.docomomo2008.nl/>
[consult. em 17/12/2008]

BIBLIOGRAFIA

http://www.fabricacom.com.br/site/exibe_pauta.php?id=106
[consult. em 15/11/2008]

http://www.flexeventos.com.br/detalhe_01.asp?url=artigos_lofts.asp
[consult. em 15/11/2008]

<http://www.icomos.org/>
[consult. em 15/11/2008]

<http://www.international.icomos.org/home.htm>
[consult. em 15/11/ 2008]

http://www.ippar.pt/patrimonio/itinerarios/arquitectura/itin_arquitectura.html
[consult. em 17/12/2008]

http://www.ippar.pt/patrimonio/itinerarios/industrial/ind_introducao.html
[consult. em 24/9/2008]

http://itsourpleasure.blogspot.com/2005/02/os-lofts_24.html
[consult. em 13/11/2008]

<http://www.maximainteriores.xl.pt/decor/interiores/1205/casas/100.shtml>
[consult. em 17/09/2008]

<http://www.museudaindustriatextil.org/appi/apresentacao.php>
[consult. em 15/11/2008]

http://www.planetacad.com/PresentationLayer/Artigo_01.aspx?id=99&canal_or dem=0402
[consult. em 15/11/2008]

<http://revistagriffe.blogspot.com/2008/03/sutileza-dos-lofts.html>
[consult. em 10/11/2008]

<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=164>
[consult. em 15/11/2008]

<http://www.skyscrapercity.com/showthreas.php?p=23775158>
[consult. em 16/11/2008]

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp315.asp>
[consult. em 15/11/2008]

BIBLIOGRAFIA

<http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/337e4ba6edb1d598ba631a.html>
[consult. em 21/01/2009]

<http://www.arquitectos.pt/?no=2020491328,156>
[consult. em 21/01/2009]

<http://www.loftindustrie.com/index.html>
[consult. em 28/01/2009]

<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=1-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11641>
[consult. em 16/06/2009]

<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/pros-contras/?k=2-parte-do-programa-de-2009-06-15.rtp&post=11642>
[consult. em 16/06/2009]

<http://www.airesmateus.com/>
[consult. em 23/07/2009]

<http://www.jeannouvel.com/english/preloader.html>
[consult. em 23/07/2009]

<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/004/artigo.php?ml=3&x=b16a11pt.xml>
[consult. em 23/07/2009]

http://in-pacto.com/?page_id=52
[consult. em 23/07/2009]

<http://www.maximainteriores.xl.pt/decor/interiores/0904/casas/200.shtml>
[consult. em 23/07/2009]

http://rcjv.rapidoefacil.com/F/artigo_view.cgi?artigo_id=8
[consult. em 27/07/2009]

<http://www.villasegolfe.com/article.php?id=184>
[consult. em 27/07/2009]

<http://cidadania1x.blogspot.com/2007/02/alienao-de-patrimnio-pblico.html>
[consult. em 28/07/2009]

FONTES DAS IMAGENS

Figuras. 1, 11, 25. Disponível em <<http://www.livemaps.com.br/>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 2. Disponível em <<http://www.trekearth.com/gallery/photo1026391.htm>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 3. Disponível em <<http://www.engelfriet.net/Alie/Hans/nelle.htm>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 4. Disponível em <<http://www.7thheaven.nl/myhzwiers/PAgina...iconografie.html>>. [Consult. Junho 2009].

Figuras 5, 6, 24, 26. Fotografias da autora.

Figuras 7, 33, 34, 50. ÁBALOS, Iñaki - *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. (2003), p. 114, 111, 115, 112/113, respectivamente.

Figuras 8, 9. FERNANDES, José Manuel - *Arquitetura e indústria em Portugal no século XX*. (2003), p. 85.

Figura 10. Google Earth.

Figura 12. SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. (2002), p. 182.

Figura 13. Disponível em <<http://www.lxfactory.com/uploads/DN31Jan.pdf>>. [Consult. Junho 2009].

Figuras 14, 15, 16. Disponível em <<http://www.lxfactory.com/>>. [Consult. Junho 2009].

Figuras 17, 18. Disponível em <<http://www.museu.ubi.pt/?cix=2987>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 19. Disponível em <<http://www.museu.ubi.pt/?cix=2990&lang=1&v=364119>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 20. Disponível em <http://www.cm-aveiro.pt/www//Templates/GenericDetails.aspx?id_object=27480&divName=1381s1509&id_class=1509>. [Consult. Junho 2009].

Figura 21. Disponível em <<http://www.av.it.pt/aveirocidade/pt/congressos/cca12.htm>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 22. Disponível em <<http://www.douglas.stebila.ca/pictures/2004/england/>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 23. *Industrial chic reconverting spaces*. (2006), p. 33.

Figura 27. JORGE, Filipe - *Coimbra vista do céu*. (2003), p. 31.

Figura 28. Disponível em <http://olhares.aeiou.pt/evora_foto663410.html>. [Consult. Junho 2009].

Figura 29. Disponível em <<http://www.flickr.com/photos/vales/865529637/>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 30. Disponível em <http://olhares.aeiou.pt/praca_do_giraldo_foto1972093.html>. [Consult. Junho 2009].

Figura 31. VAN BRUGGEN, Coosje - *Frank O. Gehry – Guggenheim Museum Bilbao*. (1999), p. 131.

Figura 32. Disponível em <<http://www.architecture.com/Awards/RIBAEuropeanAwards/2007/CasaDaMusica/CasaDaMusica2.aspx>>. [Consult. Junho 2009].

Figura 35. Disponível em <http://olhares.aeiou.pt/nova_iorque.htm>. [Consult. Junho 2009].

Figura 36. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Cityscapeberlin2006.JPG>. [Consult. Junho 2009].

Figura 37. Disponível em http://olhares.aeiou.pt/londres_foto1619738.html. [Consult. Julho 2009].

Figura 38. ASECIO CERVER, Franciso – *LOFTS: vivir e trabajar en un loft*. (2001), p. 93.

Figuras 39, 40, 41, 42, 43, 45, 47, 48. *O livro grande dos lofts*. (2005), p. 283, 340, 99, 180, 175, 227, 365, 60, respectivamente.

Figuras 44, 46. COHEN, Jean-Louis - *Le Corbusier*. (2005), p. 23, 47, respectivamente.

Figura 49. «20 CASAS – LOFTS». 2009, nº 8, p. 22.

Figura 51. Disponível em <http://www.sanitana.com/>. [Consult. Junho 2009].

Figura 52. MINK, Janis – *Duchamp*. (2004), p. 66.

Figuras 53, 54, 55, 56. Disponível em <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/004/artigo.php?ml=3&x=b16a11pt.xml>. [Consult. Julho 2009].

Figuras 57, 58. Disponível em <http://www.maximainteriores.xl.pt/decor/interiores/0904/casas/300.shtml>. [Consult. Julho 2009].

Figuras 59, 60, 61, 62. Disponível em http://in-pacto.com/?page_id=52. [Consult. Julho 2009].

Figura 63. BOISSIÈRE, Olivier - *Jean Nouvel*. (2001), p. 48.

Figuras 64, 65, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78. *Architectures 1*. France : ARTE Vidéo : Réunion des Musées Nationaux, f. 2001. 1 disco (DVD).

Figuras 67, 68, 69, 70. BOISSIÈRE, Olivier - *Jean Nouvel*. (1998), p. 72, 74.

Figuras 79, 80, 84, 85, 88, 89, 90, 91. Disponível em <http://www.airesmateus.com/>. [Consult. Julho 2009]

Figuras 81, 82, 83, 86, 87. MATEUS, Aires - *Aires Mateus: arquitectura*. (2005), p. 24, 26, 28, 37, 38, respectivamente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais, por tudo. Ao Pai, pelos genes de engenheiro e pelos conselhos do / sobre o tema. À Mãe, pelo mimo e companhia sempre presentes, e pela leitura atenta deste trabalho.

À minha irmã, por ser a minha irmã, e isso é tudo.

À Avó Tininha, pelos constantes interesse e carinho.

A toda a família, por cada contributo individual.

Às 11, por juntas formarmos um grupo de amigas tão ímpar e por ser aí que reside a nossa união/unicidade/força/amizade. E tenho que destacar a Milho, por mesmo a 2062km se mostrar sempre interessada e interventiva, e a Isabel, pela presença e pelas conversas por tempo indeterminado.

À Lena, à Carol, à Ritinha e à Ana Paula, por, para além de colegas, sermos amigas e as nossas conversas irem muito para além da arquitectura, em jantares, almoços, cafés e viagens.

AGRADECIMENTOS

À Caty, pela atenção disponibilizada e pelos 23 anos da nossa amizade. E muitos mais estão ainda para vir.

Aos amigos, a todos, aqui representados pela Ana Sofia, pela Fi, pelo Miguel, pelo Moutinho, pela Mérién, pela Rachel, pelo Manel e pelo Zé Tiago, pela amizade demonstrada de 1001 maneiras. Ao perto, ao longe, ao vivo, online, via telemóvel. Frequentemente. Raramente. Conversas. Alegria. Passeios. Viagens. Voltas de carro. Risos. Nós na garganta. Saudades. Abraços.

Ao Arquitecto Nelson Mota, por ter aceite co-orientar esta dissertação, pela disponibilidade demonstrada do início ao fim e pela resposta sempre pronta, e certa, a todas as minhas questões.

Ao Professor Doutor Arquitecto José Fernando Gonçalves, por ter aceite orientar esta dissertação e pelas conversas que, mesmo com voltas de 360º, chegavam ao cerne da questão.

Obrigada.

